

A FAUNA E FLORA NA ÁREA DA VANÁDIO MARACÁS



ORGANIZADORAS

Thaís Figueiredo Santos Silva & Janete Gomes Abrão-Oliveira

A FAUNA E A FLORA

na Área da Vanádio de Maracás



 **LARGO**
RESOURCES

VANÁDIO DE MARACÁS

A FAUNA E A FLORA

na Área da Vanádio de Maracás

REALIZAÇÃO
Vanádio de Maracás

DIRETORIA
Paulo Guimarães Misk
Presidente de operações do Brasil
Nilson Luciano Hélio Chaves
Vice-Presidente Administrativo e Financeiro

COORDENAÇÃO
Carlos Lorenzo Lorenzo
Gerente de Sustentabilidade

COLABORAÇÃO TÉCNICA
eco.Logic Consultoria Ambiental LTDA e sua equipe

ORGANIZADORAS
Thais Figueiredo Santos Silva
Janete Gomes Abrão-Oliveira

AUTORES
Daniel Capelli
Daniela Coelho
Helen Ogasawara
Janete Gomes Abrão-Oliveira
Lucas Pagani-Passos
Milena Soeiro
Rafael Abreu
Rilquer Mascarenhas
Thais Figueiredo Santos Silva
Thiago Filadelfo
Tiago Jordão Porto

ORGANIZADORAS
Thais Figueiredo Santos Silva &
Janete Gomes Abrão-Oliveira

A FAUNA E A FLORA

na Área da Vanádio de Maracás



VANÁDIO DE MARACÁS



A mineradora brasileira Vanádio de Maracás S/A (VMSA), do grupo canadense Largo Resources, foi instalada na zona rural do município de Maracás, trazendo desenvolvimento econômico-social para toda região. Essa é a 1ª mineradora a explorar Vanádio nas Américas, tendo a reserva mineral com o maior teor de Vanádio do mundo.

O Vanádio é usado em pequenas quantidades na fabricação de ligas de aço e alumínio, tornando-as mais leves e resistentes. Quando aplicado no setor de transporte, além de auxiliar na redução do consumo de combustível, as estruturas de aço com Vanádio ficam mais leves, podendo reduzir também, o consumo de aço em até 30%. Consequentemente o impacto ambiental de toda a cadeia produtiva do aço também é reduzida na mesma proporção, por esta razão o Vanádio é chamado de “Metal Verde”.

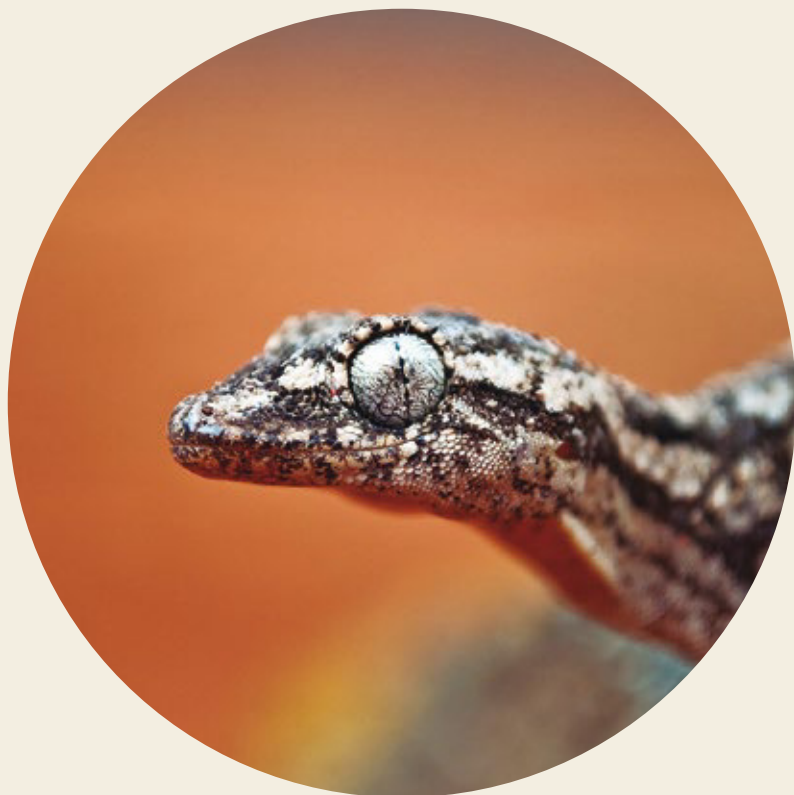
Buscando as melhores ferramentas para atingir o conceito de Sustentabilidade referindo-se a união de 3 fatores – ambiental, social e econômico – a VMSA empenha-se através de seu desenvolvimento sustentável, na conservação das riquezas ambientais e culturais da região e das comunidades adjacentes.

Inserida na Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, a Vanádio de Maracás, através de gestão consciente, monitora a qualidade das águas e do ar, a flora e a fauna aquática e terrestre objetivando a conservação do ambiente no qual se encontra.

Através desses estudos a VMSA tem o orgulho de apresentar o guia: “A Fauna e a Flora na área da Vanádio de Maracás” para valorizar a Biodiversidade da região.

PAULO GUIMARÃES MISK
Presidente





Crédito: Rafael Abreu

SUMÁRIO

15	APRESENTAÇÃO
17	INTRODUÇÃO
19	A CAATINGA DA REGIÃO DE MARACÁS
25	LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO
27	RESGATE DA FLORA
29	RESGATE DA FAUNA
31	MONITORAMENTO DA FLORA
33	MONITORAMENTO DA FAUNA
36	ANFÍBIOS
48	REPTÉIS
62	AVES
88	MAMÍFEROS NÃO-VOADORES
106	FLORA
141	LISTA DE ESPÉCIES
166	SOBRE OS AUTORES



APRESENTAÇÃO

THAIS FIGUEIREDO S. SILVA

Os estudos sobre as espécies de animais de um determinado ambiente possuem grande importância em empreendimentos que causem interferências ao meio ambiente. A identificação das espécies e o estudo de suas características ecológicas são determinantes para a tomada de decisões sobre a biodiversidade de um local.

Os estudos de Fauna, Flora e das possíveis alterações ambientais para construção da mineradora Vanádio de Maracás S/A se iniciaram no ano de 2010 e o monitoramento periódico destes grupos biológicos continua até os dias de hoje e se estenderá durante a vida útil do empreendimento. Neste livro estão compilados os dados de aproximadamente seis anos de pesquisas realizadas na área e no entorno da Vanádio de Maracás S/A por biólogos, veterinários e auxiliares de campo, disponibilizadas para a população do município de Maracás e também para acadêmicos que tenham interesse sobre o conhecimento do Bioma Caatinga e do semiárido do Estado da Bahia.

O objetivo principal é a divulgação dos trabalhos realizados pela Vanádio de Maracás S/A em favor do meio ambiente através de seus programas ambientais que abrangem o Programa de Monitoramento de Flora e Fauna, o Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Silvestre e o Programa de Resgate de Flora e Germoplasma nas áreas de Influência Direta do empreendimento.

INTRODUÇÃO

Pautando-se pelo princípio da prevenção, os estudos ecológicos nas áreas de influência da Vanádio de Maracás S/A tiveram início antes da implantação do empreendimento na fase do licenciamento ambiental, onde foram estabelecidas regras sobre as atividades potencialmente lesivas ao meio ambiente, gerando o menor impacto possível em todas as etapas. O levantamento dos dados relativos à riqueza densidade e composição das comunidades de animais e plantas permitiu aos pesquisadores uma ampla visão da distribuição de um grande número de espécies. Estes estudos, denominados de ‘diagnóstico’ ou ‘levantamento’ fizeram parte do EIA/RIMA do empreendimento (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental) e a partir disso, diversas ações foram tomadas com o objetivo de diminuir e mitigar as ações causadas à fauna e à flora presentes nas áreas de influência da mineradora.

Duas das principais ações ambientais foram a realização do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Silvestre e do Programa de Resgate de Flora e Germoplasma (sementes) durante a fase de supressão da vegetação para a implantação da mineradora, compreendida entre os anos de 2011 e 2013 em diversas etapas, em atendimento aos condicionantes legais das Portarias ambientais emitidas pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos - INEMA.

Estes programas tiveram como objetivo principal a coleta de mudas e sementes para posterior plantio e reflorestamento, e a captura dos animais que não tiveram condições de se deslocarem naturalmente durante a intervenção na área, destinando-os à reabilitação ao meio natural (soltura) e/ou quarentena sob os cuidados veterinários para posterior soltura.

As atividades de monitoramento da fauna foram iniciadas antes da implantação do empreendimento e tem periodicidade trimestral e consistem no registro de espécies da avifauna (aves), herpetofauna (serpentes, lagartos e anfíbios) e mastofauna (mamíferos não voadores); o monitoramento da Biota aquática (todos os componentes da água – animais, plantas, turbidez) que ocorre duas vezes ao ano no período seco e no período chuvoso; o monitoramento da qualidade do ar, utilizando indicadores vegetais, que ocorre semestralmente; e o monitoramento de flora (Fenologia) que é realizado mensalmente. Os estudos têm como finalidade contribuir com informações que possibilitem uma análise ambiental comparativa antes e após a implantação do empreendimento na região.

A CAATINGA DA REGIÃO DE MARACÁS

A Caatinga tem sido descrita na literatura como uma região pobre, com poucas espécies e baixo grau de endemismos (MMA, 2007). No entanto estudos realizados recentemente aumentaram a lista de espécies de diversos grupos da região. Apesar de várias espécies terem sido descritas a Caatinga é ainda pouco conhecida no ponto de vista científico, tendo em conta o baixo número de estudos realizados em relação aos demais biomas, sendo inclusive um dos mais ameaçados e alterados pela ação do homem, principalmente pelo desmatamento, apresentando extensas áreas degradadas e os solos sob intenso processo de desertificação.

A vegetação existente na região onde está localizada a Vanádio de Maracás S/A está inserida exclusivamente no Domínio das Caatingas pertencente ao Semiárido Nordeste, com os hábitos herbáceos, arbustivos e arbóreos.

Na vegetação de Caatinga, devido à condição inóspita de stress hídrico, as espécies têm a necessidade de adaptações que permitam a colonização dessas áreas, tais como: perda das folhas na seca; redução no tamanho das folhas; folhas coriáceas (com aspecto de couro); e transformação de folhas em espinhos, como nas cactáceas. Há também espécies suculentas, aquelas que apresentam tecidos que armazenam água como, por exemplo, os

cactos "mandacaru", "xique-xique" e "cabeça-de-frade", bromélias "croá", além das bombacáceas, como "imbiçu", "barriguda", e as modificações das raízes em 'xilopódios' que armazenam uma solução nutritiva para ser utilizada pela planta no período de seca, a exemplo de "umbuzeiro".

A interpretação vegetacional da região do empreendimento caracteriza-se pela intensidade de desmatamentos e cultivos agropecuários, onde existem poucos fragmentos de grandes dimensões conservados. As áreas onde a mineradora foi instalada caracterizava-se por ambientes antropizados e bastante degradados, possuindo poucos indivíduos arbóreos remanescentes da condição primária. A aridez do ambiente, associada à pressão de pastoreio por animais domésticos desestruturou a capacidade de resiliência da biota local, sendo poucas as espécies em crescimento na área.

A semiaridez característica da região aliada aos desmatamentos e a caça predatória vem contribuindo para redução das populações e do número de espécies da fauna. Os mamíferos de grande e médio porte encontram-se extintos ou em vias de extinção na região, sendo os espécimes remanescentes de pequeno tamanho e reprodutivamente prolíficos (de prole numerosa), apresentando em geral, hábitos noturnos. Os mamíferos de maior porte são, em geral, arredios, refugiando-se nas áreas serranas e outros locais de difícil acesso, tendo como membros: suçuarana, gato do mato e veados, etc. Os mamíferos de pequeno e médio porte por serem mais ágeis na fuga

habitam as capoeiras, podendo-se citar como exemplos: preá, tatus. Algumas espécies frequentam, também, áreas antropizadas (com interferência humana), entre elas raposa, guará, tatu-peba e preá.

A avifauna apresenta-se diversificada, abrangendo todos os níveis tróficos, entretanto sofre com a caça predatória, dado os seus valores canoros (canto). Observa-se na região o predomínio de grupos de aves adaptadas ao ambiente hostil da caatinga. Os répteis da região estão representados predominantemente por lagartos e serpentes. Os teiús são frequentes, embora sofram a ação da caça e do desmatamento. As serpentes não peçonhentas apresentam-se abundantes, principalmente, nas imediações dos cursos e mananciais d'água. As serpentes peçonhentas por sua vez têm com espécies mais comuns a jararaca, a cascavel e a coral-verdadeira, as quais são relativamente raras, dado o combate que lhes é dado pela população rural. Os anfíbios, devido a sua grande dependência da água, possuem período de atividade consideravelmente restrito ao longo do ano, concentrando a reprodução somente após as estações chuvosas (reprodução do tipo explosiva) ou enquanto ainda houver disponibilidade de água nos reservatórios. Algumas espécies passam grande parte do ano enterradas e são avistadas somente nestes períodos chuvosos.



LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

A área do empreendimento da Vanádio de Maracás S/A situa-se no Sudoeste da Bahia, a 400 Km de Salvador e pertence a região administrativa de Jequié. Localiza-se no Km 18 da estrada que liga o povoado de Pé de Serra ao povoado de Porto Alegre, nas proximidades do povoado de Água Branca, cerca de 50 Km do Município de Maracás.

O município está inserido na área do denominado “Polígono das Secas”, apresentando clima semiárido, seco a subúmido com temperaturas que superam médias de 22°C. O volume de chuvas na região é baixo, especialmente nos meses de maio a setembro, onde estes longos períodos de escassez sustentam uma biota vegetal do tipo caatinga estacional (CPRM/PRODEEM, 2005).

TRABALHOS REALIZADOS NA VANÁDIO DE MARACÁS

Autores: Thais Figueiredo S. Silva; Tiago Jordão Porto

RESGATE DE FLORA

O objetivo do resgate e salvamento da flora na Vanádio de Maracás S/A foi recuperar, antes da supressão de vegetação um volume significativo de sementes da maior quantidade possível de espécies pertencentes à área objeto da supressão de vegetação. Com isto, o aproveitamento de boa parte da herança genética das espécies da flora local pode subsidiar os programas de recuperação de áreas degradadas do empreendimento. Tais atividades desenvolvidas também envolveram a implantação de um viveiro para subsidiar a coleta de sementes e produção de mudas de espécies nativas que ocorrem na área de influência do empreendimento.

Esta operação caracterizou-se principalmente como uma ferramenta conservacionista desenvolvida pelo empreendimento, onde o planejamento de metodologias adequadas e junção das informações relativas aos tipos vegetacionais das áreas teve como finalidade a máxima conservação dos espécimes de flora e fauna das áreas do entorno da área diretamente afetada, visando a retirada da vegetação com o mínimo de supressão, e/ou dentro dos limites estabelecidos.



Crédito: Banco de imagens Vanádio de Maracás/
eco.Logic

RESGATE DE FAUNA

A operação de resgate e remanejamento de fauna consistiu no acompanhamento da equipe de supressão de vegetação (que utilizou métodos de desmatamento manual, sendo uso de foices, machados, facões) por uma equipe que utilizou métodos e equipamentos específicos para captura das espécies de animais. O afugentamento preliminar consistiu em vistorias preliminares diárias nas áreas a serem suprimidas, principalmente à procura de animais que possuíam baixa mobilidade e de ninhos de pássaros com ovos e/ou filhotes, para que os mesmos fossem demarcados e isolados no caso de encontrados. O resgate ocorrido na Vanádio de Maracás S/A foi uma operação complexa que demandou uma equipe treinada e experiente, da área de Biologia e Medicina Veterinária contribuindo para a mitigação dos possíveis impactos ambientais sobre a fauna da região.

Para a realização da operação de resgate de fauna no projeto da Vanádio de Maracás S/A, foi necessária a implantação de uma base instalada exclusivamente para dar apoio logístico aos trabalhos de campo. O Centro de Triagem Provisório de Fauna Silvestre (CTP) da VMSA dispôs de infraestrutura



Crédito: Banco de imagens Vanádio de Maracás/eco.Logic

necessária para atividades desta natureza, incluindo equipamentos, materiais, medicamentos veterinários e terrários.

O total de animais capturados durante as atividades da operação de resgate na Vanádio de Maracás foi de 1.452 indivíduos entre invertebrados de importância médica (1.022), anfíbios (08), répteis (392), aves (01) e mamíferos (29). A área para soltura dos animais capturados está localizada na Reserva Legal da propriedade da Vanádio de Maracás S/A, situada a cinco quilômetros a oeste do empreendimento e foi escolhida através da utilização de critérios básicos como: estado de conservação, isolamento e distância de comunidades humanas, conectividade com outras áreas conservadas e fitofisionomia. Os critérios para soltura dos animais capturados durante o afugentamento seguiram de acordo com os hábitos de vida de cada animal.

O resgate de fauna teve como objetivo também contribuir com coleções científicas e Instituições de pesquisa, tendo aproveitamento para o conhecimento científico sobre a biodiversidade local e regional, além da formação de multiplicadores de consciência ambiental através de trabalhos educativos feitos em comunidades próximas e com funcionários do empreendimento.

MONITORAMENTO DE FLORA

Os estudos sobre o monitoramento de flora (Fenologia) abordam os eventos biológicos repetitivos que ocorrem durante o ciclo de vida das plantas como: germinação, florescimento, frutificação, brotamento e queda foliar. Estes eventos influenciam na relação planta-planta, planta-animal e animal-animal.

Este monitoramento busca entender como os organismos, populações ou comunidades se adaptam ao complexo de fatores ambientais presentes, empregando funções vitais como indicadores na avaliação da área, uma vez que a fisiologia se correlaciona estreitamente com fatores ambientais. A bioindicação é utilizada para definir reações, dependentes de uma variável temporal, a um fator ambiental antrópico (ação do homem), manifestadas através de respostas mensuráveis provenientes de um sistema biológico. Essas respostas



Crédito: Banco de imagens Vanádio de Maracás/
eco.Logic

devem ser comparáveis em situações padronizadas. Dessa maneira, verifica-se os impactos ambientais sobre a flora são provocados pela implantação da Vanádio de Maracás S.A e se estão afetando a dinâmica das espécies de plantas estudadas, através da comparação do padrão entre os resultados obtidos nas áreas de referência e nas áreas mais próximas à área objeto de supressão de vegetação para a implantação da mineradora.

MONITORAMENTO DE FAUNA

Entende-se como monitoramento faunístico, em seu sentido mais amplo, como um conjunto de atividades que implicam no levantamento repetido do status de alguma quantidade de organismos identificados. A estrutura e o funcionamento das comunidades biológicas modificam um complexo conjunto de interações. Aspectos como hábitos alimentares, reprodução, comportamento, padrões de uso do espaço e dinâmica populacional unem de forma direta e indireta os elementos de uma comunidade numa intrincada teia, o que possibilita uma avaliação crítica das atividades antrópicas sobre a fauna e os rumos do acompanhamento das populações naturais no monitoramento após a implantação da mineradora.

O monitoramento é efetuado, basicamente, a partir do acompanhamento da estrutura de comunidades por meio da avaliação de grupos de organismos pré-estabelecidos em ambientes sujeitos a intervenções humanas. Para tal, deve-se levar em consideração determinados fatores, tais como flutuações populacionais de acordo aos ciclos sazonais, onde



Crédito: Banco de imagens Vanádio de Maracás/eco.Logic

se observa, principalmente, a composição da vegetação em que as comunidades estão inseridas, além dos fatores climáticos (temperatura, umidade e períodos de chuva). Estas observações auxiliam o planejamento de ações, por meio da coleta de dados sistemáticos, de forma a permitir a previsão de possíveis alterações ao longo do tempo nestas comunidades que estão sendo acompanhadas.

Para compor este trabalho, foram escolhidos determinados grupos de espécies (mamíferos, aves, répteis e anfíbios) e a partir das observações de



campo, são obtidas informações sobre as áreas de ocorrência e abundância de cada um destes componentes da fauna.

Os métodos de trabalho e coleta de dados aplicados no monitoramento na Vanádio de Maracás S/A foram adotadas de acordo com a particularidade de cada grupo animal: pontos fixos de observação visual e auditiva, e utilização de redes de neblina para captura, marcação e recaptura do grupo das Aves; utilização de armadilhas metálicas para captura e marcação e também o uso de armadilhas



Crédito: Banco de imagens Vanádio de Maracás/eco.Logic

fotográficas (câmeras trap) para identificação de Mamíferos; métodos de observação por procura visual ativa diurna e noturna para o grupo da Herpetofauna (Anfíbios e Répteis). A captura destes animais é fundamental nos estudos ecológicos realizados e é preciso respeitar procedimentos éticos e legislativos. Os animais são capturados com técnicas adequadas, observados e libertados o mais rápido possível, e cada indivíduo é identificado e catalogado com o auxílio de materiais bibliográficos especializados, tais como artigos científicos, chaves de identificação de espécies e guias de identificação em campo.

ANFÍBIOS

RAFAEL OLIVEIRA DE ABREU

A classe dos anfíbios é composta por os sapos, rãs, pererecas (anuros), as cecílias ou cobras cegas (gimnofionos) e as salamandras (urodelos). Estes animais possuem estreita relação com a água dependendo desta para respiração, reprodução e como ambiente de vida, o que torna este recurso fundamental para a sua existência.

Esta classe é bastante diversa com 7.513 espécies conhecidas (FROST, 2016) no mundo. O Brasil abriga 1080 espécies de anfíbios (SEGALA et al 2016). Deste total, para o Estado da Bahia são conhecidas cerca de 200 espécies. A Caatinga conta com aproximadamente 73 espécies e para o município de Maracás são conhecidas 33 espécies (CAMARDELLI; NAPOLI, 2012). No entanto, o conhecimento sobre a fauna de anfíbios da Caatinga ainda é reduzido quando comparado aos outros biomas brasileiros. Até o presente momento, foi registrado um total de 2294 espécimes e na área da VMSA

são encontradas, até o momento 22 espécies de anfíbios, distribuídas em 5 famílias e 12 gêneros. Este número pode ser considerado relativamente alto para uma amostragem pontual na Caatinga e representativo em relação ao que se conhece para o Município de Maracás. Da comunidade de anfíbios já registrada, uma espécie pode ser categorizada como xerimbabo (animal de estimação), duas espécies são endêmicas da Caatinga, duas espécies são cinegéticas (caçadas para servir como alimento), 05 espécies podem ser consideradas raras na área de estudo (contam com um registro apenas), e nenhuma está listada sob algum nível de ameaça globalmente segundo a lista da IUCN, 2015 ou nacionalmente segundo a lista do MMA, 2014.

São importantes mantenedores do equilíbrio ambiental, por serem parte fundamental da teia alimentar atuando como presas e predadores. Por se alimentarem de artrópodes (ex. aranhas, escorpiões) e por vezes pequenos vertebrados, os anfíbios são fundamentais também no controle de pragas agrícolas e até urbanas. Apesar do conhecimento do benefício da presença dos anfíbios, estes são frequentemente vitimados pelas pessoas, seja por acidente ou não. Por fazerem parte do imaginário popular, quase sempre de forma negativa, estes acabam sendo vítimas de crueldades. Também, por se exporem em abundância durante as primeiras chuvas muitos acabam sendo atropelados em estradas e rodovias. A presença destes em ambientes urbanizados os expõe ao risco de atropelamentos, bem como de serem mortos pelas pessoas que os temem, neste último caso pelo fato das pessoas acreditarem no mito de que a urina do sapo é capaz de cegar. Algumas espécies de anfíbios são utilizadas como alimento ou tem potencial para criação como animal de estimação. As espécies de maior porte como a rã-manteiga (*Leptodactylus macrosternum*) e a rã-pimenta (*L. vastus*) são comumente utilizadas como caça. A perereca-verde (*Pithecopus nordestinus*), por ser uma espécie

atrativa, tem potencial uso como xerimbabo, e, apesar de não se registrar tal uso para esta espécie, isto é possível uma vez se acontece com outras espécies da mesma família. No mundo, os anfíbios encontram-se atualmente em declínio, tendo como principais perigos à sua existência a infecção por um fungo que causa deformações nos girinos e em indivíduos adultos, além da perda de habitat. A forte dependência em relação à água por possuir uma fase larval (girino) na maioria das espécies de anfíbios, este grupo se torna muito suscetível a alterações ambientais, seja através de poluição do meio aquático, separação deste ambiente de reprodução das áreas vegetadas, ou perda deste último ambiente. Por esta fragilidade os anfíbios podem ser considerados importantes bioindicadores. Dessa forma, o inventário e monitoramento dos anfíbios se mostra uma importante ferramenta para a avaliação de impactos ambientais, uma vez que esse grupo é um dos principais bioindicadores.

Créditos: Rafael Abreu



Sapo-cururu

Rhinella jimi

Esta espécie é o sapo típico, com grande porte (cerca de 20 centímetros), duas grandes glândulas paratóides no dorso atrás dos olhos e pele rugosa. A coloração é bege, podendo ter grandes manchas escuras no dorso e ventre com pequenas manchas (principalmente nos juvenis). É a espécie mais conhecida pela população por ser comum e frequentemente encontrada em áreas com alguma urbanização, onde buscam alimento. Este maior contato com a população torna esta espécie a vítima mais comum de acidentes e maus tratos por pessoas. Sua alimentação é composta principalmente de artrópodes e ocasionalmente pequenos vertebrados. Se reproduz em lagoas, tanques para dessedentação do gado e também em grandes poças formadas pelas chuvas. A sua vocalização é característica, constituída por um longo trinado, grave, que pode ser ouvido de longe, e lembra um motor.



Créditos: Rafael Abreu

Rã-manteiga

Leptodactylus macrosternum

Espécie de médio a grande porte (cerca de 15 centímetros), tem pele lisa com algumas cristas dorsais e pernas traseiras e artelhos compridos. Alguns machos apresentam membros anteriores hipertrofiados. A coloração geral varia de cinza a marrom (levemente esverdeado), apresentando manchas em tom mais escuro dispersas ao longo do corpo. É uma espécie comum, relativamente abundante, um pouco tolerante às alterações ambientais, e o seu porte a torna alvo de caça. Se reproduz em lagoas, tanques para dessedentação do gado e também em grandes poças formadas pelas chuvas, onde é possível encontrar seus girinos formando cardumes. A vocalização desta espécie é um arrulho baixo que lembra um pombo, difícil de ser ouvida. Sua alimentação é composta por artrópodes e ocasionalmente pequenos vertebrados.



Créditos: Rafael Abreu

Rã-pimenta

Leptodactylus vastus

Espécie de grande porte (cerca de 25 centímetros), pele lisa e pernas traseiras e artelhos compridos. Alguns machos apresentam membros anteriores hipertrofiados e excrescências nupciais bem desenvolvidas. A coloração geral é marrom-avermelhado com manchas pretas dispersas ao longo do corpo, e parte posterior da coxa laranja a vermelho vivo com manchas pretas. É uma espécie comum e relativamente tolerante a alterações ambientais, sendo encontrada em ambientes urbanos. O seu porte a torna alvo de caça. Se reproduz em lagoas, tanques para dessedentação do gado, grandes poças formadas pelas chuvas e até mesmo em valas e esgotos a céu aberto. A vocalização desta espécie é semelhante a um latido alto e grave. Sua alimentação é composta por artrópodes e pequenos vertebrados.



Créditos: Rafael Abreu

Perereca-verde

Pithecopus nordestinus

Espécie de pequeno porte (cerca de 4 centímetros) e membros delgados. Tem movimentos lentos e a sua capacidade de saltar é relativamente limitada. Sua coloração verde com detalhes em laranja e marcações pretas é bastante atrativa. A pele é coberta por uma secreção tão eficiente contra a desidratação que é possível encontrar indivíduos dormindo na vegetação sob sol forte. Se reproduz em lagoas, tanques para dessedentação do gado e também em grandes poças formadas pelas chuvas, onde a desova é feita em folhas na vegetação acima da água, de modo que com a eclosão dos ovos os girinos caiam na água. A sua vocalização é composta por um ou mais estalos baixos associados a um som rasgado. Sua alimentação é composta por pequenos artrópodes.



Créditos: Rafael Abreu

Perereca-de-capacete

Corythomantis greeningi

Espécie de médio porte (pode ultrapassar os 7 centímetros), tem o corpo alongado e uma cabeça característica, bastante achatada e co-ossificada. A coloração geral é marrom, e pode variar de claro ou muito escuro a depender da hora do dia, e alguns indivíduos podem apresentar pequenas manchas vermelhas. Recentemente descobriu-se que esta espécie é peçonhenta, e inocula toxina ao raspar a cabeça co-ossificada contra o predador. Esta usa a cabeça co-ossificada também para diminuir a perda de água por evaporação e bloquear o acesso de potenciais predadores quando se abriga em fendas nas rochas, ocos em árvores e bromélias. Se reproduz em riachos de leito rochoso onde os girinos ficam presos às pedras pela boca. A sua vocalização é um gemido baixo, emitido de locas ao longo dos riachos, e sua alimentação é composta por artrópodes.



Créditos: Rafael Abreu

Perereca-de-capacete

Trachycephalus atlas

Espécie de médio porte (pode ultrapassar os 10 centímetros) e muito semelhante a *Corythomantis greeningi*, mas a cabeça característica co-ossificada é menos achatada. A coloração geral varia de cinza a marrom com manchas da mesma cor, porém mais claras. É possível que assim como *C. greeningi* esta espécie seja peçonhenta, no entanto ainda não há confirmação disto. Se abriga em fendas nas rochas, ocos em árvores e bromélias. Se reproduz em poças e lagoas apenas nas primeiras chuvas. A sua vocalização é um trinado curto grave que pode ser ouvido de longe. Sua alimentação é composta principalmente por artrópodes.

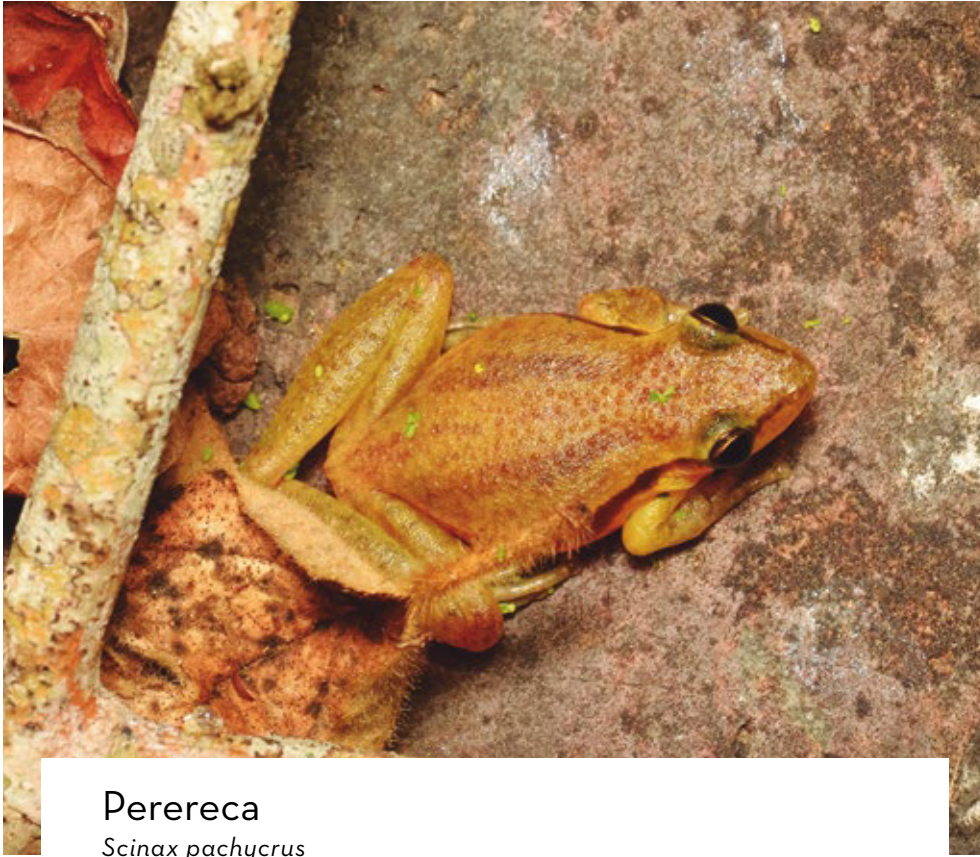


Créditos: Rafael Abreu

Perereca

Scinax camposseabrai

Espécie de pequeno porte tem o corpo alongado e a cabeça pequena, e a coloração geral marrom escuro. Essa espécie é pouco comum de se encontrar, sendo mais provável de ser avistada quando se reproduz em poças e lagoas apenas nas primeiras chuvas. A sua vocalização é um trinado curto grave e que pode ser ouvido de longe, muito parecido com o de *Trachycephalus atlas*.



Créditos: Rafael Abreu

Perereca

Scinax pachycrus

Espécie de pequeno porte, possui a cabeça pequena com focinho pontudo, e pernas compridas. A coloração geral é amarela, com uma faixa que vai da ponta do focinho até a metade do corpo de cor marrom escura bem marcada e algumas manchas no dorso. Se abriga em fendas nas rochas, ocos e cascas de árvores e bromélias, e se reproduz em poças e lagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARDELLI, M.; NAPOLI, M.F. 2012. Amphibian conservation in the Caatinga Biome and Semiarid region. *Herpetologica* 68(1): 31-47.

FROST, DARREL R. 2016. *Amphibian Species of the World: an Online Reference*. Version 6.0 (Date of access). Electronic Database accessible at <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA.

IUCN. (2015). *IUCN - Red List of Threatened Species*. Version 2015.4. <www.iucnredlist.org>.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. (2014). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Brasília, DF.

SEGALLA, M.V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C.A.G.; GRANT, T.; HADDAD, C.F.B.; GARCIA, P.C.A.; BERNECK, B.V.M.; LANGONE, J.A. (2016). "Brazilian Amphibians: List of Species". *Herpetologia Brasileira* 5(2): 34-46.

RÉPTEIS

DANIELA PINTO-COELHO E MILENA SANTOS SOEIRO

Os répteis vivos são compostos por quatro ordens, os Rhynchocephalia (tuataras), animais que atualmente possuem distribuição restrita às ilhas da Nova Zelândia, os Crocodylia (jacarés, crocodilos e gaviais), os Testudines (jabutis, cágados e tartarugas) e os Squamata (lagartos, serpentes e anfisbênias). Constituem um grupo de animais vertebrados e tetrápodes que não possuem a temperatura do corpo constante, dependendo do calor do ambiente para se aquecer e realizar suas atividades. Devido à aquisição do ovo amniótico, estes animais tornaram-se independentes da água para reprodução. A maior parte deles é ovípara (põem ovos), mas algumas espécies possuem a viviparidade (o embrião se desenvolve dentro de um ovo alojado no interior do corpo da mãe) como estratégia reprodutiva. Sua pele é revestida por escamas que ajudam a proteger o corpo contra a abrasão externa, além de limitarem as perdas de água para o ambiente. Estes animais

não possuem glândulas sudoríparas, o que também auxilia no controle da perda de água. São encontrados em todos os continentes, exceto nas regiões polares, onde a temperatura, demasiadamente fria, impossibilita a vida de animais ectotérmicos (animais que dependem do calor do ambiente para regular a temperatura do seu próprio corpo).

Atualmente, existem catalogadas 773 espécies de Répteis para o território brasileiro, sendo 36 Testudines, 06 Crocodylia, 266 Lagartos, 73 Amphisbaenia e 392 Serpentes (COSTA; BÉRNILS, 2015). Os primeiros estudos sobre a fauna de répteis das Caatingas apontaram este bioma como pobre em termos de diversidade, incluindo poucas espécies endêmicas. Porém, esforços de pesquisadores de todo Brasil revelaram uma diversidade considerável de espécies para a Caatinga, já tendo sido catalogadas mais de uma centena de espécies para o bioma, mostrando sua importância para conservação. Na área da Vanádio de Maracás, os estudos realizados registraram a ocorrência de 31 espécies de Répteis, sendo 02 Testudines, 12 Lagartos, 02 Amphisbaenia e 15 Serpentes, incluindo animais de importância médica, como a cascavel, a jararaca e a coral verdadeira.

Os Répteis são predadores de uma grande diversidade de animais, sendo responsáveis pelo controle da abundância de diversas populações, como roedores e insetos, por exemplo, assim como também servem de alimento para outras espécies, como aves e mamíferos. Dessa forma, eles apresentam importância fundamental para o equilíbrio do ambiente e para manutenção dos processos ecológicos.

São animais que sofrem constantemente com o abuso humano, seja por meio da caça para consumo da carne e aproveitamento do couro (jacarés, teiús e jiboias), para criação em cativeiro (principalmente os jabutis) e, principalmente, pela matança indiscriminada, como ocorre com as serpentes e

anfísbênias. Diversos mitos da cultura popular associados às serpentes provocam uma repulsa da população, fazendo com que o encontro seja motivo de morte do animal, muitas vezes de forma cruel. Porém, vale ressaltar que a maioria das espécies de serpentes não oferece perigo à população, como no caso das falsas corais, cobras cipó, dormideira, dentre outras. Das 15 espécies que ocorrem na área da Vanádio de Maracás e redondezas, apenas 03 podem causar algum dano grave à saúde humana (cascavel, jararaca e coral verdadeira). Diante disso, faz-se necessário um intenso trabalho de educação ambiental nas comunidades mostrando que não existem vilões na natureza. Todas as espécies apresentam um papel importante no ecossistema, assim como podem auxiliar no tratamento de doenças. Um bom exemplo é a fabricação de medicamentos a base do veneno das serpentes, como o caso do hipotensivo Captopril, usado no tratamento da hipertensão arterial, tendo como base um princípio ativo do veneno de jararaca.

Como o veneno de algumas serpentes peçonhentas oferece perigo à saúde humana, é importante o uso de equipamentos de proteção individual em atividades no campo, como botas, perneiras e luvas, para evitar acidentes. O meio ambiente é a casa dos animais e nós, seres humanos, estamos cada vez mais invadindo o ambiente deles. Dessa forma, precisamos respeitar o pouco espaço que ainda resta para as populações de animais silvestres sobreviverem e continuarem perpetuando suas espécies e a prevenção aos acidentes é nossa obrigação.

Créditos: Rafael Abreu



LAGARTOS

Teiu

Salvator merianae

Essa espécie é considerada um dos maiores lagartos sul-americanos. Quando adultos podem alcançar até 1,4 metros de comprimento. O padrão de colorido pode variar de acordo com a idade do animal, onde os adultos apresentam a coloração do dorso variando do cinza ao marrom, com faixas transversais pretas e o ventre branco. A cauda apresenta anéis pretos e brancos alternados. Os filhotes apresentam coloração verde na cabeça e nas partes anteriores do corpo. São diurnos e ocorrem em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar e áreas abertas, onde podem ser vistos termorregulando nas horas mais quentes do dia. Possuem o comportamento de correr rapidamente quando visualizados, mas também podem enfrentar e usar a cauda quando se sentem ameaçados. Essa espécie é considerada onívora (se alimentam de frutos, folhas, carniça, insetos, anfíbios, outros lagartos e roedores), mas apresentam uma mudança de alimentação ao longo da vida dos indivíduos. Quando filhotes comem principalmente artrópodes e quando adultos comem principalmente material vegetal, desempenhando assim uma importante contribuição ecológica atuando como dispersor de sementes em pequenos fragmentos florestais. Esses animais são utilizados tradicionalmente como alimento em algumas regiões, além já ser registrado o uso do seu couro em países sul-americanos.



Créditos: Daniela Coelho

Calango verde

Ameiva ameiva

Esta espécie pode alcançar até 60 centímetros de comprimento em machos adultos, que geralmente têm corpo e cabeça proporcionalmente maiores que as fêmeas. Os jovens possuem o dorso marrom com pontos negros e a lateral do corpo com uma faixa escura que se estende da cabeça até a cauda. Quando adultos, apresentam a parte anterior do corpo amarronzada com manchas escuras e a parte posterior esverdeada. Também podem apresentar desenhos de tom azulado ou amarelo na lateral do corpo. Ocorrem em áreas de caatinga arbórea e arbustiva e mata ciliar. Alimentam-se predominantemente de artrópodes, podendo também comer material vegetal. Esses lagartos se distribuem amplamente e podem viver em ambientes com diferentes graus de perturbação, sendo encontrados até em áreas urbanas.

Créditos: Rafael Abreu



Papa vento cinza

Polychrus acutirostris

Este lagarto pode apresentar até 50 centímetros de comprimento, sendo que as fêmeas são geralmente maiores do que os machos. Apresentam a coloração do dorso cinza com manchas mais escuras em formato de “V” e o ventre é branco. São animais diurnos e arborícolas, sendo encontrados geralmente nos galhos de árvores e arbustos em áreas de caatinga arbórea e arbustiva e mata ciliar. Alimentam-se predominantemente de artrópodes, além de material vegetal. Deslocam-se lentamente na vegetação e por possuírem um padrão de coloração muito parecido com o micro-habitat que ocupam, muitas vezes não são percebidos por conta da camuflagem. Seus olhos podem se mover de forma independente.



Créditos: Daniela Coelho

SERPENTES

Jararaca da seca

Bothrops erythromelas

São consideradas uma das menores espécies de jararaca, podendo alcançar até 70 centímetros de comprimento. Apresentam coloração castanho avermelhada, com manchas mais escuras em formato de “V” invertido ao longo do corpo e uma faixa escura atrás do olho. Ocorre em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar e áreas abertas. Apresentam hábitos noturnos e se alimentam principalmente de pequenos mamíferos e lagartos, sendo importante no controle de pragas (roedores). Quando filhote, pode se alimentar de anfíbios. É uma espécie peçonhenta, sendo responsável por acidentes em áreas de Caatinga. Devido a isso, esta espécie é constantemente morta por humanos.



Créditos: Daniela Coelho

Cascavel

Crotalus durissus

Esta espécie possui um porte avantajado, podendo alcançar até 1,6 metros de comprimento. Apresenta coloração do corpo variável, do cinza amarelado ao castanho claro, com manchas mais escuras em formato de losango, margeadas por branco ou amarelado. Sua característica mais distintiva é a presença de um chocalho na extremidade da cauda, que a cada troca de pele, aumenta de tamanho, ganhando mais um anel. Portanto, a idade da serpente não possui relação com a quantidade de anéis no chocalho. Ocorre em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar e áreas abertas. Apresentam hábitos noturnos e se alimentam, principalmente, de pequenos mamíferos e lagartos, sendo importante no controle de pragas (roedores). Quando filhote, pode se alimentar de anfíbios. É uma serpente peçonhenta, sendo responsável por diversos acidentes e devido a isso, esta espécie é constantemente morta por humanos, além de ser apreciada como alimento.



Créditos: Rafael Abreu

Coral verdadeira

Micrurus ibiboboca

Esta espécie pode alcançar, quando adulta, até 1,50 metros de comprimento. Apresenta coloração do corpo estruturada em anéis, onde cada arranjo se dá com três anéis pretos intercalados por anéis brancos e anéis vermelhos nas extremidades. Diferem-se da falsa coral da região (*Oxyrhopus trigeminus*) por apresentarem os anéis completos ao redor do corpo, pois em *O. trigeminus* os anéis são incompletos e o ventre é de coloração clara. Além disso, as corais verdadeiras apresentam a cauda mais curta e os olhos menores do que o das falsas corais, que apresentam cauda mais comprida e olhos maiores. Ocorre em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar, áreas abertas e em associação com corpos d'água. Apresenta hábito diurno e semifossorial, já que vivem em baixo do folhoso, em buracos no solo ou raízes de árvores. Seu hábito alimentar é do tipo ofiófago, ou seja, se alimentam exclusivamente de outras serpentes menores, além de anfisbenas (cobras de duas cabeças). Apesar de ser uma serpente peçonhenta, os acidentes são pouco frequentes e de baixa letalidade. Também é uma espécie que sofre muitos ataques por humanos.



Créditos: Daniela Coelho

Mussurana

Boiruna sertaneja

Popularmente conhecida como cobra preta ou muçurana, esta espécie pode alcançar até 1,90 metros quando adulta. Quando filhote apresenta a cabeça esbranquiçada com um colar escuro ao redor da nuca e o restante do corpo de coloração rosa. Quando adulta, apresenta o corpo preto. Ocorre em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar e áreas abertas. Apresenta hábitos noturnos e se alimenta de pequenos mamíferos, lagartos e, principalmente, outras serpentes, sendo muito importante no controle de pragas (roedores) e de serpentes peçonhentas. Apesar de ser um animal dócil, a cobra preta é uma espécie peçonhenta, porém não existem registros de acidentes com humanos.



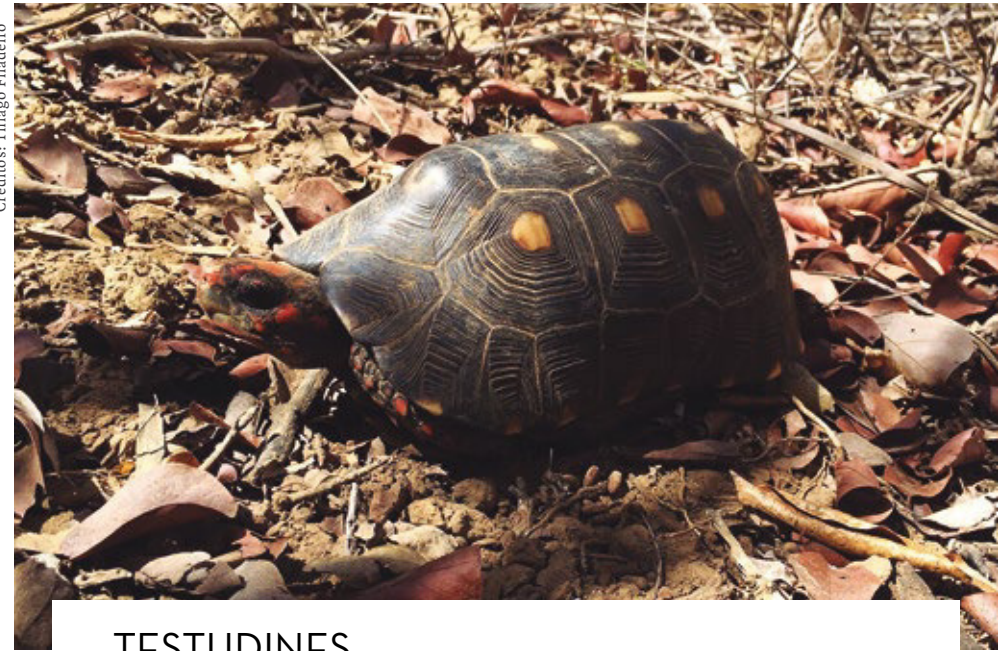
Créditos: Rafael Abreu

AMPHISBAENIA

Cobra de duas cabeças

Anphisbaena vermicularis

Quando adultas, as *A. vermicularis* podem alcançar até 37 centímetros e possuem coloração variando do marrom ao rosa na parte dorsal e bege na região ventral. É uma espécie comumente confundida com as serpentes, mas as anfisbênias não são cobras nem têm duas cabeças. Essa confusão ocorre, pois as anfisbênias possuem hábito escavador e apresentam a extremidade da cauda arredondada, para facilitar sua locomoção debaixo da terra. Dessa forma, a cauda e a cabeça podem ser confundidas uma com a outra e, por apresentarem o corpo serpentiforme, são chamadas de cobras de duas cabeças. Ocorrem em áreas de caatinga arbórea e arbustiva e mata ciliar. Normalmente, se alimentam de insetos e vermes. O hábito escavador desses animais lhes confere notável importância ecológica, pois permitem uma melhor distribuição da água e do oxigênio no solo, aumentando sua fertilidade. Por serem confundidas com serpentes, as anfisbênias são frequentemente mortas pelo homem.



Créditos: Thiago Filadelfo

TESTUDINES

Jabuti

Chelonoides carbonarius

Esta espécie pode apresentar até 45 centímetros de comprimento e pesar até 8 kg, sendo que os machos normalmente são maiores do que as fêmeas. Apresentam um casco rígido e coloração que varia entre cinza, marrom ou preto, com uma nítida mancha amarela ou vermelha sobre cada escudo do casco. Podem apresentar essa mesma coloração em escamas do dorso da cabeça e nas patas. O ventre ou plastrão geralmente apresenta a mesma coloração escura da carapaça e nos machos apresenta formato côncavo para facilitar a cópula. Pode ser encontrado em áreas de caatinga arbórea e arbustiva, mata ciliar e áreas abertas. É um animal terrestre que se alimenta basicamente de vegetais, frutos, sementes e flores, podendo comer também insetos e até pequenos vertebrados. É considerado um animal solitário, que possui hábito diurno e costuma apresentar maior atividade durante os períodos de chuvas. Em muitas regiões esses jabutis apresentam associação com lendas indígenas e são comumente criados como animais de estimação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVILA-PIRES, T. C. S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299: 1-706.
- BARROS-FILHO, J. D.; VALVERDE, M. C. C. 1996. Notas sobre os Amphisbaenia (Reptilia: Squamata) da microrregião de Feira de Santana, Estado da Bahia, Brasil. *Sitientibus*, n. 14, p. 57-68.
- BRAZIL, T. K. (org). 2010. *Catálogo da fauna terrestres de importância médica da Bahia*. EDUFBA, Salvador, Bahia. 204 p. il.
- CASTRO, E. R. D.; GALETTI, M. 2004. Frugivoria e dispersão de sementes pelo lagarto teiú *Tupinambis merianae* (Reptilia: Teiidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* (São Paulo), 91-97.
- COSTA, H. C; BÉRNILS, R. S. 2015. Répteis brasileiros: lista de espécies. *Herpetologia Brasileira*, 3(3), 74-84.
- FREITAS, M. A.; SILVA, T. F. S. 2007. A herpetofauna das Caatingas e áreas de altitudes do nordeste brasileiro. Guia ilustrado. Pelotas: USEB, 388p.
- GARDA, A. A.; COSTA, G. C.; FRANÇA, F. G.; GIUGLIANO, L. G.; LEITE, G. S.; MESQUITA, D. O.; VITT, L. J. 2012. Reproduction, body size, and diet of *Polychrus acutirostris* (Squamata: Polychrotidae) in two contrasting environments in Brazil. *Journal of Herpetology*, 46(1), 2-8.
- GUEDES, T. B.; NOGUEIRA, C.; MARQUES, O. A. V. 2014. Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. *Zootaxa* 3863 (1): 001-093.
- HARVEY, M. B.; UGUETO, G.N.; GUTBERLET JR, R.L. 2012. Review of Teiid Morphology with a Revised Taxonomy and Phylogeny of the Teiidae (Lepidosauria: Squamata). *Zootaxa* 3459: 1-156.
- PIRES, M. G.; SILVA JR., N. J.; FEITOSA, D. T.; PRUDENTE, A. L. C.; PEREIRA FILHO, G. A.; ZAHER, H. 2014. A new species of triadal coral snake of the genus *Micrurus* Wagler, 1824 (Serpentes: Elapidae) from northeastern Brazil. *Zootaxa* 3811 (4): 569-584.
- SARTORIUS, S. S.; VITT, L. J.; COLLI, G. R. 1999. Use of naturally and anthropogenically disturbed habitats in Amazonian rainforest by the teiid lizard *Ameiva ameiva*. *Biological Conservation*, 90, p. 91-101
- SILVA, T. L. 2015. *Análise Morfológica e Filogeográfica em Jabutis Brasileiros (Testudines)* - Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto.
- TEIXEIRA, R. L. 2001. *Comunidade de lagartos da restinga de Guriri, São Mateus - ES, Sudeste do Brasil*. Atlântica, Rio Grande. 23: 77-84.
- VITT, L. J.; COLLI, G. R. 1994. Geographical ecology of a neotropical lizard: *Ameiva ameiva* (Teiidae) in Brazil. *Canadian journal of zoology*, 72(11), 1986-2008.
- ZAHER, H. 1996. A new genus and species of pseudoboine snake, with a revision of the genus *Clelia* (Serpentes, Xenodontinae). *Bollettino del Museo Regionale di Scienze Naturali* 14(2): 289-337.

quer seja aumentando a densidade das espécies generalistas ou extinguindo espécies mais sensíveis.

A riqueza de aves encontrada na Vanádio de Maracás foi de 225 espécies distribuídas em 53 Famílias e 24 Ordens, um número relativamente alto para uma localidade da Caatinga. Da comunidade de aves já registrada, 21 espécies são categorizadas como xerimbabos (que são utilizadas como animais de estimação), 19 espécies são endêmicas (que são restritas à uma única região ou localidade), 18 espécies são cinegéticas (que são visadas para o consumo humano), 14 espécies são raras (que possuem baixa densidade populacional na área de estudo), 04 espécies são migratórias (que realizam movimentos sazonais regulares), 06 são listadas sob algum nível de ameaça globalmente (segundo a lista da IUCN, 2016) ou nacionalmente (segundo a lista do MMA, 2014), além de 03 serem espécies invasoras (que não são originárias do Brasil).

Contamos até o presente momento com um total de 1.456 espécimes capturados, com 1.151 espécimes anilhados e uma taxa de re-captura próxima dos 13%. Nas páginas seguintes optamos por exemplificar apenas as espécies endêmicas, ameaçadas, raras, cinegéticas e xerimbabos. A listagem completa da comunidade de aves catalogada será apresentada ao fim do guia.

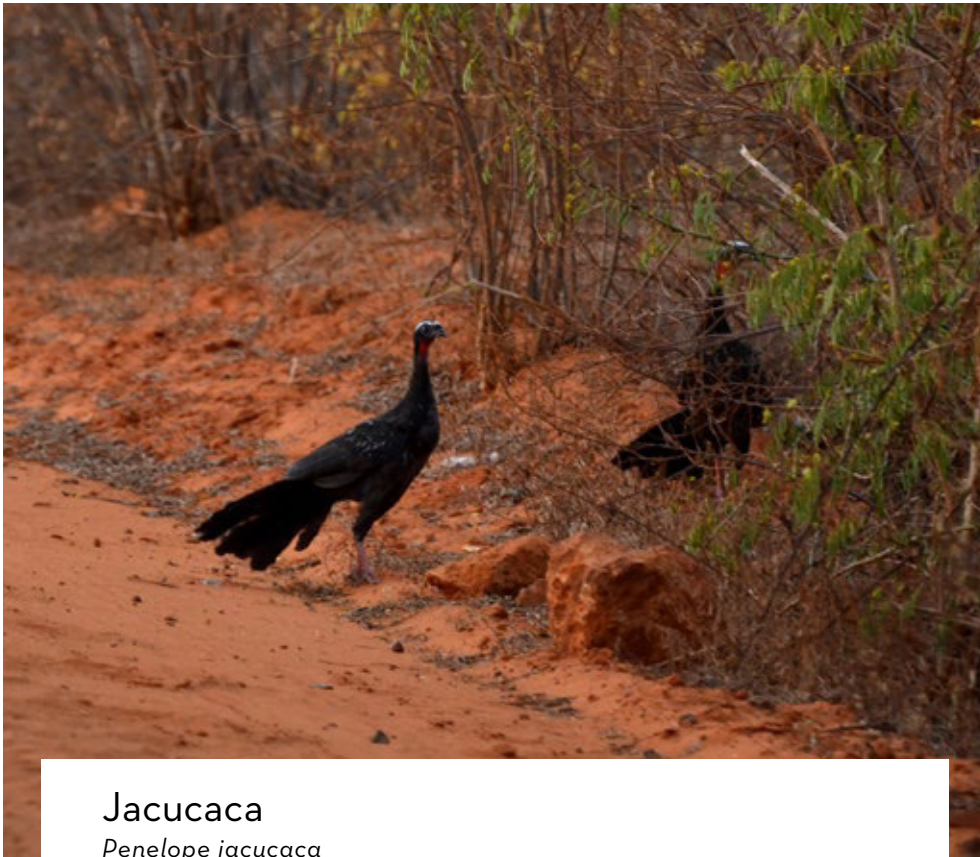
Créditos: Whaldener Endo



Nhambú-zabelê

Crypturellus zabele

O nhambu-zabelê é uma ave da família das codornas (Tinamidae), possui cerca de 32 centímetros de comprimento e pesa 570 g. Tem coloração marrom acinzentada. Habita o solo de áreas de Caatinga arbórea e Mata Ciliar, onde procura por sementes, frutos, brotos e insetos. Possui capacidade de voo reduzida, porém quando se assustam levantam um voo batido rápido seguido por períodos de voo planado longos até pousarem. É uma espécie muito visada para a caça, sendo esse um dos fatores que a colocam como espécie ameaçada.

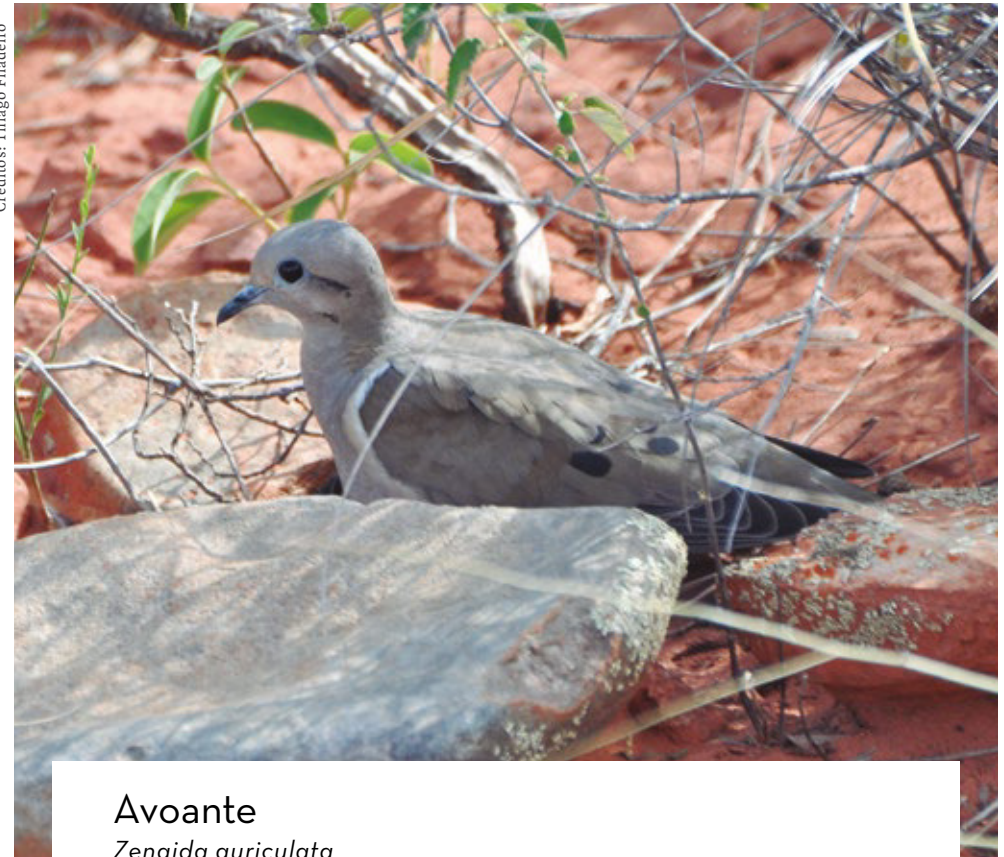


Créditos: Rafael Abreu

Jacucaca

Penelope jacucaca

A jacucaca é uma ave grande com aproximadamente 70 centímetros de comprimento e que pode pesar até 1 kg. Possui plumagem corpórea marrom escura com riscos brancos, suas pernas são avermelhadas. É uma espécie endêmica da Caatinga e prefere viver na Caatinga arbórea e Matas Ciliares. Seu alimento predileto são os frutos, mas consomem também sementes e artrópodes. Muito visada para o consumo humano, suas principais ameaças são o desmatamento e a caça. Considerada vulnerável segundo a IUCN (2016) e o MMA (2014).

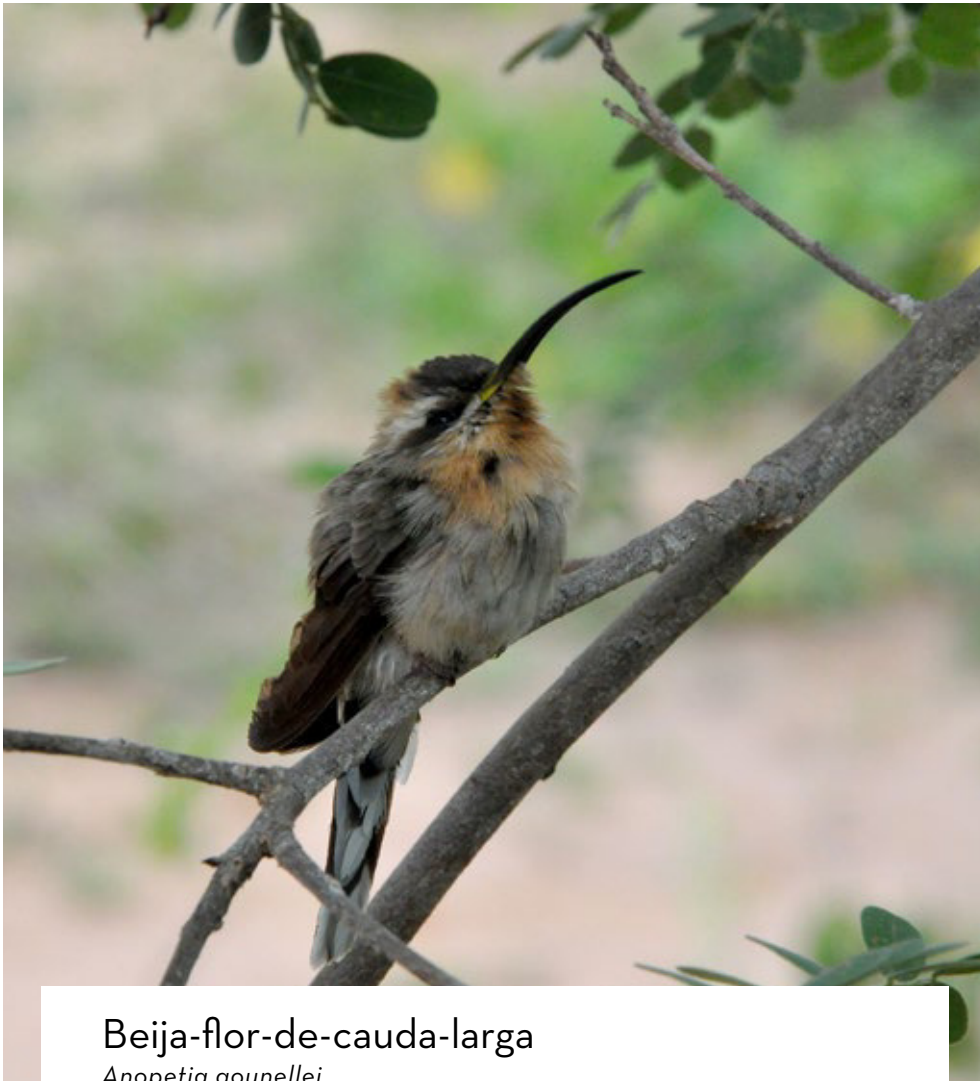


Créditos: Thiago Filadelfo

Avoante

Zenaida auriculata

A pomba-de-bando ou avoante possui cerca de 25 centímetros de comprimento. Sua plumagem possui uma coloração geral acinzentada, com reflexos roxos no pescoço, marcas negras das asas e duas listras de cor preta próximo aos olhos. Habita a Caatinga arbustiva e áreas abertas, ocorrendo também em ambientes urbanizados. Sua dieta é composta por sementes e frutos. Forma grandes colônias reprodutivas, chamados ninhais, com ninhos dispostos no solo e muito próximos entre si. É uma espécie muito visada para o consumo humano, sendo a caça sua principal ameaça.



Créditos: Thiago Filadelfo

Beija-flor-de-cauda-larga

Anopetia gounellei

Pequena espécie de beija-flor que não alcança mais do que 13 centímetros de comprimento e pesa em torno de 3 gramas. É considerada endêmica da Caatinga, sendo muito sensível às alterações antrópicas. Prefere habitar áreas preservadas de Caatinga arbórea e arbustiva, além de Matas Ciliares. Alimenta-se de néctar e, eventualmente, de pequenos artrópodes que captura ao visitar teias de aranha. Seu ninho foi recentemente descrito pela comunidade científica e parece haver uma preferência para que seja construído em arbustos urticantes como o can-saço ou a urtiga.

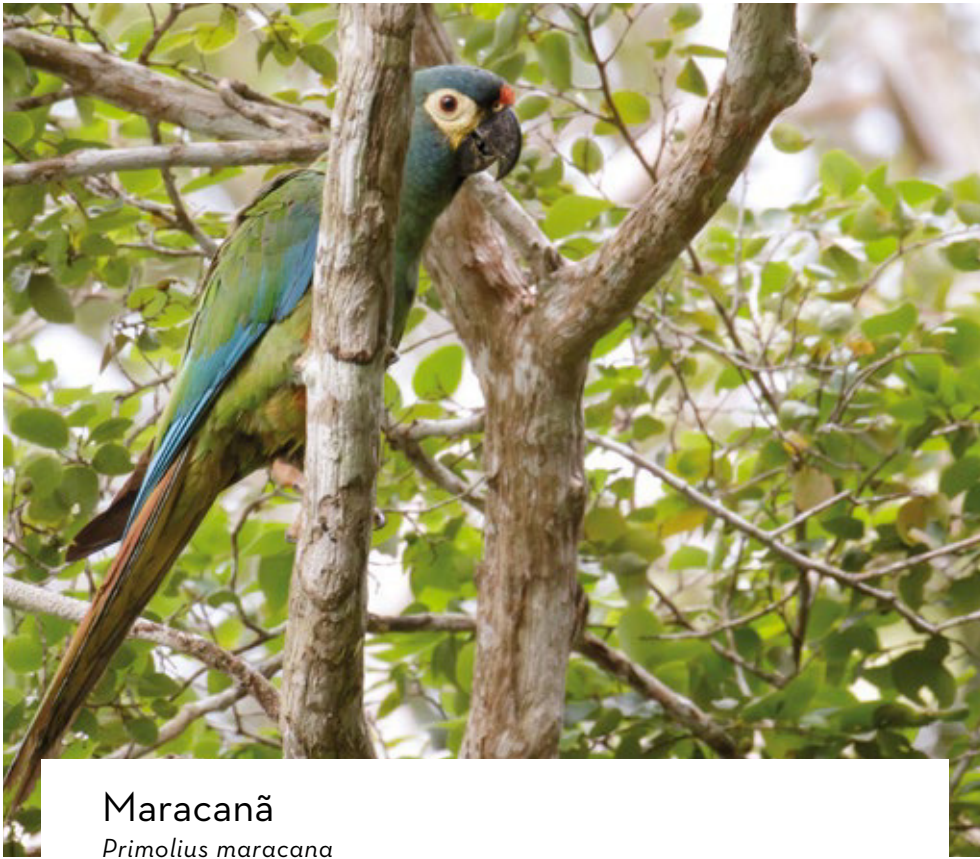


Créditos: Thiago Filadelfo

Pica-pau-anão-pintado

Picumnus pygmaeus

Uma das menores espécies de pica-pau do Brasil, atingindo apenas 10 centímetros de comprimento total. Sua coloração geral é marrom escura com pintas brancas distribuídas por todo o corpo. Apenas o macho desta espécie apresenta penas vermelhas no alto da cabeça. Espécie endêmica da Caatinga, mas de baixa sensibilidade, ocorrendo em habitats com vegetação preservada ou não. Sua dieta é altamente especializada em insetos. Forrageia em galhos verticais e nidifica em ocos que ele mesmo escava no tronco de árvores.



Créditos: Sidnei Sampaio

Maracanã

Primolius maracana

A maracanã possui cerca de 40 centímetros de comprimento, coloração inteiramente verde, com porções de cor vermelha no alto da cabeça, barriga e cauda. Parte da face não possui penas, expondo a pele de cor clara. Possui ampla distribuição no Brasil, mas é muito rara na região de Maracás. Prefere habitar a Mata Ciliar próxima a rios. Sua dieta é composta por frutos, flores e sementes. Ainda é muito capturada para ser animal de estimação.



Créditos: Thiago Filadelfo

Periquito-vaqueiro

Eupsittula cactorum

O periquito-vaqueiro possui cerca de 25 centímetros de comprimento e pode pesar até 80 gramas. Como todos da sua família (Psittacidae), não há como diferenciar visualmente um macho de uma fêmea. É uma espécie comum, relativamente abundante e endêmica da Caatinga. Habita áreas preservadas ou alteradas, onde busca por frutos e sementes. Se reproduz escavando seu ninho em cupinzeiros arborícolas (que ficam no alto de árvores). Sua principal ameaça é o tráfico de animais silvestres.



Créditos: Thiago Filadelfo

Papagaio-verdadeiro

Amazona aestiva

O papagaio-verdadeiro é uma ave da família dos periquitos e araras (Psittacidae), possui cerca de 37 centímetros de comprimento e é predominantemente verde, com destaque para o colorido bastante variável em extensão nas cores azul e amarelo na cabeça e na marca vermelha da asa. Ao contrário do que muitos dizem, não há como distinguir o sexo com base no tamanho ou na plumagem, apenas um exame de sangue pode determinar se é um macho ou uma fêmea. Prefere habitar áreas preservadas de Caatinga arbórea e arbustiva, bem como Matas Ciliares. Sua dieta é altamente especializada em frutas e sementes. Nidifica em ocos de árvores ou cavidades de rocha. Embora não esteja listado como uma espécie ameaçada de extinção, é a espécie de papagaio mais abundante das Américas e muito visado pelo tráfico de animais silvestres.



Créditos: Thiago Filadelfo

Chorozinho-da-caatinga

Herpsilochmus sellowi

Pássaro de pequeno porte que atinge até 11 centímetros de comprimento. Enquanto o macho possui tons de preto e branco como coloração geral do corpo, a fêmea possui tons de preto e marrom-claro. É uma espécie endêmica da Caatinga e habita apenas áreas preservadas de Caatinga arbórea e arbustiva, bem como de Matas Ciliares. Sua dieta é exclusivamente composta por artrópodes (insetos, aranhas). Pouco se sabe sobre sua biologia reprodutiva e sua principal ameaça é a perda de habitat pelo desmatamento.



Créditos: Thiago Filadelfo

Choca-do-nordeste

Sakesphorus cristatus

A choca-do-nordeste é um pequeno pássaro de 14 centímetros de comprimento. Ambos os sexos possuem dorso marrom e ventre acinzentado, entretanto o macho detém capuz e babador preto, enquanto a fêmea apenas um boné marrom. Esta espécie é endêmica da Caatinga e prefere ocupar habitats florestados preservados. Sua dieta é composta por artrópodes que capturam revirando folhas secas no solo ou buscando por entre os arbustos.



Créditos: Marcel Lucena

Choca-barrada-do-nordeste

Thamnophilus capistratus

A choca-barrada-do-nordeste possui cerca de 15,5 centímetros de comprimento. O macho possui plumagem geral barrada nas cores preto e branco, enquanto a fêmea possui variados tons de marrom e creme. Ambos possuem uma íris alaranjada e topete no alto de suas cabeças. É endêmica da Caatinga e habita a vegetação arbórea e arbustiva preservada. Sua dieta é composta por artrópodes, frutos e sementes. Sua principal ameaça é a perda de hábitat em decorrência do desmatamento.



Créditos: Edésio Félix

Toróm-do-nordeste

Hylopezus ochroleucus

O toróm-do-nordeste é um pequeno pássaro de 13,5 centímetros de comprimento. Possui uma cauda reduzida, dorso marrom acinzentado, peito branco com riscas negras e barriga alaranjada. Endêmico da Caatinga, habita as porções arbóreas preservada. É uma espécie difícil de ser avistada por seus hábitos de forrageio no solo, onde busca por insetos. Executa uma série de movimentos enquanto canta, algo como uma curta dança na qual move o corpo para os lados sem sair do lugar.



Créditos: Thiago Filadelfo

Bico-virado-da-caatinga

Megaxenops parnaguae

O bico-virado-da-caatinga tem 15,5 centímetros de comprimento, sua plumagem é predominantemente marrom clara à parte da região da garganta e próximo aos olhos que possui penas brancas. Seu bico possui um formato peculiar que o ajuda a revirar cascas de árvores em busca de alimento, os insetos. É uma espécie endêmica da Caatinga e muito sensível à perturbação do ambiente, preferindo ocupar áreas arbóreas arbustivas e Matas Ciliares preservadas. Locomovem-se forrageando em galhos verticais, como os pica-paus, mas, sem usar a cauda como apoio. Sua biologia reprodutiva é completamente desconhecida.



Créditos: Thiago Filadelfo

Casaca-de-couro

Pseudoseisura cristata

O casaca-de-couro é um pássaro com cerca de 25 centímetros de comprimento. Inteiramente marrom, com um topete no alto da cabeça sempre ereto, e íris amarela. É uma espécie endêmica da Caatinga e prefere habitats de vegetação mais aberta. De baixa sensibilidade, tem se aproveitado do desmatamento para ampliar sua distribuição. Sua dieta compreende artrópodes, frutos e pequenos vertebrados. Constrói grandes ninhos de gravetos no alto de árvores isoladas, de onde o casal entoa em dueto seu estridente canto.



Créditos: Thiago Filadelfo

João-chique-chique

Synallaxis hellmayri

O joão-chique-chique possui cerca de 18,5 centímetros de comprimento. É inteiramente acinzentado com a garganta preta e as asas de cor ferrugem. Alimentam-se de artrópodes (insetos, aranhas e escorpiões) que buscam revirando folhas secas no solo. É uma espécie endêmica da Caatinga e prefere habitar áreas de vegetação preservada. Listado na categoria de quase ameaçado segundo a IUCN (2016). Sua principal ameaça é a perda de hábitat pelo desmatamento.



Créditos: Thiago Filadelfo

Cancã

Cyanocorax cyanopogon

O cancã é uma ave da família das gralhas (Corvidae), possui cerca de 35 centímetros de comprimento, pesando 145 g. Apresenta coloração preta na garganta e no dorso, contrastando com o branco presente no peito e na barriga, além de uma linha azul acima dos olhos. Prefere habitar áreas de Caatinga arbórea e arbustiva, bem como Matas Ciliares. Sua dieta é composta por frutas, sementes, insetos e pequenos vertebrados. Vive em bandos e apresentam um vasto repertório vocal, sendo capazes inclusive de imitar o canto de outras espécies. É uma espécie endêmica (exclusiva) da Caatinga, porém por conta do desmatamento nos biomas florestais, vem ampliando sua distribuição.



Créditos: Rafael Abreu

Sofrê

Icterus jamaicaii

O sofrê é um pássaro facilmente distinguível pelas contrastantes penas do corpo das cores laranja e preto. Alcança até 26 centímetros de comprimento e sua dieta abrange artrópodes, frutas e néctar. Endêmico da Caatinga, ocorre tanto em áreas de vegetação arbórea arbustiva preservada quanto em paisagens alteradas. É muito visado no tráfico de animais silvestres por seu canto melodioso e sua plumagem de cores vivas. Frequentemente aproveita-se dos ninhos já prontos de outras aves para se reproduzir.

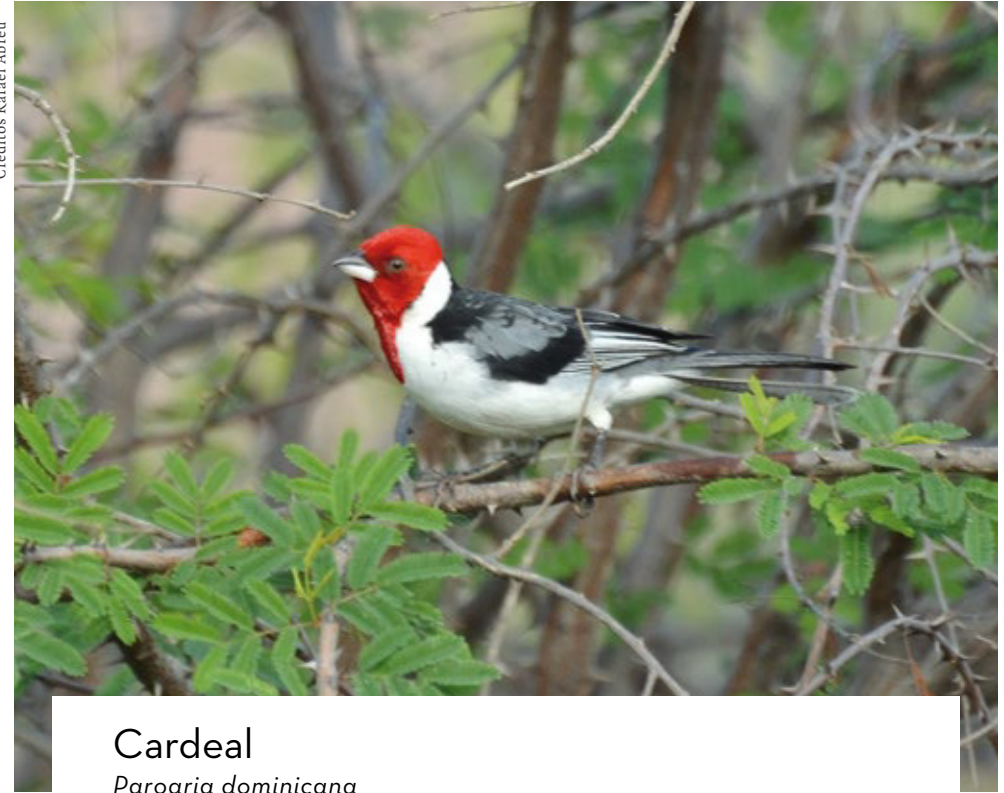


Créditos Thiago Filadelfo

Asa-de-telha

Agelaioides fringillarius

O asa-de-telha possui o corpo marrom-acinzentado com asas de cor telha e máscara preta sob os olhos. Possui cerca de 17 centímetros de comprimento e não apresenta diferença entre os sexos. É uma espécie endêmica e comum, tanto na caatinga arbustiva preservada como nas áreas abertas alteradas, como pastagens e áreas de cultivo, dentro dos limites deste bioma. Sua alimentação é composta por sementes e artrópodes (insetos, aranhas e escorpiões). Se reproduz reutilizando os ninhos já prontos e abandonados por outras aves. Parece possuir sistema de reprodução do tipo cooperativa, com presença de “ajudantes de ninho” que normalmente são os filhotes mais velhos do casal reprodutor que permanecem junto aos pais até a maturidade.



Créditos Rafael Abreu

Cardeal

Paroaria dominicana

O cardeal possui 18 centímetros de comprimento, a intensa cor vermelha na plumagem de sua cabeça é sua característica mais marcante. Em indivíduos jovens a cor vermelha não é tão viva. Espécie endêmica da Caatinga, ocupa tanto áreas de vegetação arbustiva preservada quanto áreas abertas, inclusive urbanizadas. Sua dieta é composta por sementes, frutas e artrópodes. Não se encontra ameaçado de extinção, mas é muito visada no tráfico de animais silvestres por seu canto melodioso. Vem se aproveitando do desmatamento para expandir sua distribuição.

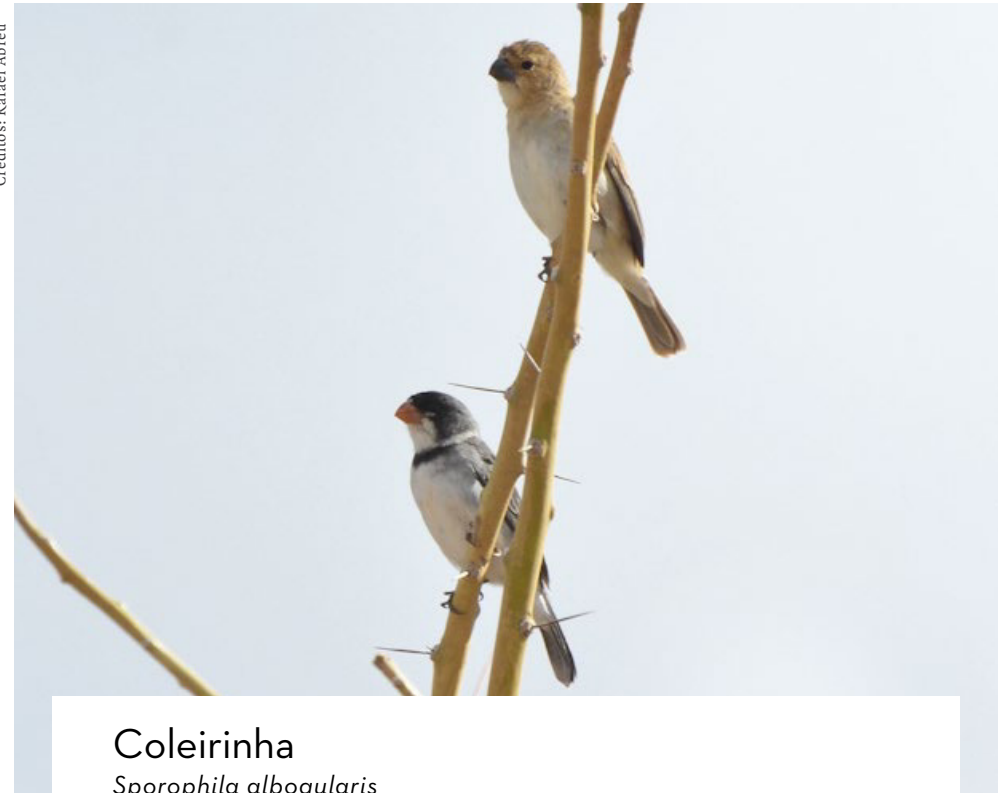


Créditos: Thiago Filadelfo

Tiê-caburé

Compsothera loricata

Pássaro de cor preta e marcante mancha vermelha na garganta e na porção mais alta do peito. A fêmea da espécie é inteiramente negra e não apresenta a mancha vermelha, o que permite diferenciar os sexos. Não ultrapassa 21 centímetros de comprimento total. É considerada endêmica da Caatinga e preferem habitar áreas preservadas, entretanto podem cruzar voando áreas alteradas quando são facilmente reconhecidos por seu canto único. Sua dieta é composta basicamente por artrópodes. Sua biologia reprodutiva é pouco conhecida e nada se conhece sobre seus ovos ou filhotes.



Créditos: Rafael Abreu

Coleirinha

Sporophila albogularis

O coleirinha é um pequeno pássaro de 11 centímetros de comprimento. O macho possui cabeça, dorso, asas e cauda cinza escuros, com presença de um colar preto no pescoço e a garganta branca, enquanto a fêmea é totalmente marrom. Endêmico da Caatinga, ocupa a fitofisionomia arbustiva e áreas abertas. Alimenta-se exclusivamente de sementes. Seu canto melodioso atrai muitos traficantes de animais silvestres, sendo frequentemente avistado em gaiolas nas casas da zona rural.



Créditos: Antonio Maia

Pintassilgo

Sporagra yarrellii

O pintassilgo possui cerca de 10 centímetros de comprimento. Sua plumagem geral mistura as cores amarela e preto. Entretanto, apenas o macho carrega um bem marcado boné preto. De baixa densidade, sendo raros seus avistamentos, prefere ocupar a Caatinga arbustiva mais aberta. Sua dieta é predominantemente composta por sementes, mas também consome frutos. Está categorizado como vulnerável segundo a IUCN (2016) e o MMA (2014), principalmente pela forte pressão do tráfico de animais silvestres, uma vez que seu canto é muito apreciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBURQUERQUE, U. P.; ARAÚJO, E. De L.; EL-DEIR, A.C.A.; De LIMA, A.L.A.; SOUTO, A.; BEZERRA, B. M.; FERRAZ, E. M.; FREIRE, E. M. X et al. 2012. Caatinga Revisited: Ecology and Conservation of an Important Seasonal Dry Forest. *The Scientific World Journal* 2012: 1-18.
- BIRDLIFE – Birdlife International. (2015). IUCN Red List for birds. Downloaded from <http://birdlife.org> on 21/09/2015.
- CRACRAFT, J. (1986). The origin and early diversification of birds. *Paleobiology*, 12: 383-399.
- DEL HOYO, J., ELLIOTT, A., SARGATAL, J., CHRISTIE, D. A.; De JUANA, E. (Eds.) (2014). *Handbook of the Birds of the World Alive*. Lynx Edicions, Barcelona.
- IUCN. (2016). IUCN - Red List of Threatened Species. Version 2015.4. <www.iucnredlist.org>.
- MACHADO, C. G.; O. BORGES. (2013). *Lista Vermelha das Aves da Bahia*. Instituto Driades. Salvador, BA.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. (2014). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Brasília, DF.
- PACHECO, J. F.; C. BAUER. (2000). As aves da Caatinga - **apreciação histórica do processo de conhecimento**. In: Workshop Avaliação e Identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma Caatinga. Documento Temático, Seminário Biodiversidade da Caatinga. Petrolina, PE.
- OLMOS, F., SILVA, W. A. G.; ALBANO, C. G. (2005). Aves em oito áreas de Caatinga no Sul do Ceará e Oeste de Pernambuco, Nordeste do Brasil: composição, riqueza e similaridade. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 45(14): 179-199.
- PIACENTINI, V. Q.; ALEIXO, A.; AGNE, C. E.; MAURÍCIO, G. N.; PACHECO, J. F.; BRAVO, G. A.; BRITO, G. R. R.; NAKA, L. N.; OLMOS, F.; POSSO, S.; SILVEIRA, L. F.; BETINI, G. S.; CARRANO, E.; FRANZ, I.; LEES, A. C.; LIMA, L. M.; et al. (2015). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 23(2): 91-298.
- SICK, H. (1997). *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 912p.
- SILVA, J. M. C., TABARELLI, M., FONSECA, M. T.; L. V., LINS. (2003). *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação da Fauna*. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, DF.

MAMÍFEROS NÃO-VOADORES

JANETE GOMES ABRÃO-OLIVEIRA

Os mamíferos são animais vertebrados (possuem coluna vertebral segmentada e crânio) e endotérmicos (mantêm a temperatura corporal constante), sendo divididos em três subclasses: os **Monotremados** (ex. ornitorrinco e equidna), que põem ovos semelhantes aos dos répteis, de onde nasce um minúsculo embrião que irá completar seu desenvolvimento em uma bolsa, não possuem mamilos como nos demais mamíferos, nutrem-se lambendo o leite ejetado pela auréola da mãe. Esses animais não existem no Brasil; os **Marsupiais** (ex. saruê, canguru), que não possuem placenta para nutrir o embrião durante o seu desenvolvimento no útero. A maioria das espécies termina o seu desenvolvimento no interior de uma bolsa externa

ao corpo da fêmea chamado marsúpio; e os **Placentários**, que compõem o maior grupo de mamíferos. Os embriões ficam retidos no útero da fêmea para o desenvolvimento, onde são envoltos numa placenta que fornece fixação e nutrientes (oxigênio e alimentos). Ao nascerem, os placentários encontram-se num estado de desenvolvimento superior ao dos marsupiais. Embora haja esta subdivisão, todos os mamíferos apresentam as seguintes características em comum: sexos separados, fecundação interna, glândulas mamárias (responsáveis pelo leite), além de glândulas sebáceas (que produz o sebo da pele e pelos) e sudoríparas (que produz o suor).

O Brasil possui uma das maiores riquezas de mamíferos do mundo com 701 espécies descritas (cerca de 21% da mastofauna mundial), distribuídas em 12 ordens, 50 famílias e 243 gêneros. Segundo HAUF (2010), existem 178 mamíferos que apresentam distribuição para o bioma caatinga. Encontram-se neste guia representantes dos seguintes grupos: Didelphimorphia (marsupiais), Cingulata (tatus), Pilosa (preguiças e tamanduás), Primatas (macacos), Rodentia (roedores), Lagomorpha (coelho), Carnivora (gatos do mato, raposa, gambá verdadeiro, guará e etc.), Artiodactyla (veados e porcos-do-mato) e Perissodactyla (anta). Apesar dos esforços dos pesquisadores nos últimos anos, acredita-se que a quantidade de espécies com ocorrência para a Caatinga ainda seja subestimada. Muitas áreas ainda não foram amostradas e a contínua perda de habitat tenderá a incluir cada vez mais espécies na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção.

Para a região da Mineradora Vanádio de Maracás, foram inventariados, ao longo de 6 anos de estudos, entre levantamento de espécies, resgate para supressão e o monitoramento de fauna, 23 espécies de mamíferos não-voadores. Todas as espécies realizam uma importante função dentro do ambiente

onde vivem, sendo responsáveis por contribuir com a dispersão de sementes, controle populacional de suas presas e limpeza ambiental (através de alimentação baseada também em animais mortos), sendo desta forma, necessárias para o equilíbrio ambiental de todo sistema onde se encontram.

Neste capítulo foram priorizadas as espécies de valor cinegético (visadas pela caça), endêmicas, vulneráveis ou em extinção registradas na região.

MAIORES PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS MAMÍFEROS:

CAÇA ILEGAL (VALOR CINEGÉTICO)

A atividade de caça e tráfico de animais silvestres no Brasil retira cerca de 12 milhões de animais silvestres por ano de seus respectivos habitats, sendo que desse total, cerca de 90% morrem antes de chegar ao seu destino final (VIDOLIN et al., 2004). O tráfico de animais é uma relação bipolar, em que de um lado está a riqueza, composta por colecionadores e traficantes internacionais especializados e do outro lado, os pobres trabalhadores que encontram na caça de animais silvestres a possibilidade de sanar suas necessidades financeiras, tendo essa situação explorada por quem detém o dinheiro (HERNANDEZ, 2002).

A caça ilegal de espécies como tatus, coelhos e veados, diminuem a disponibilidade de alimentos naturais disponíveis para os predadores, que acabam tendo de recorrer aos animais domésticos e de criação (galinhas, gado e etc...) para se alimentar (MARCHINI et al., 2011). Tanto a caça, como o tráfico de animais silvestres direcionam a relação do homem com

os predadores para o conflito, o que juntamente com o desmatamento e a perda de habitats, contribuem significativamente para a diminuição das populações de mamíferos.

CONFLITO

O conflito ocorre quando as necessidades e o comportamento da vida selvagem geram impactos negativos para os objetivos dos seres humanos (danos à colheita, ferimento ou morte de animais domésticos e de criação, ameaça ou morte de pessoas) ou quando os objetivos humanos geram impactos negativos para as necessidades da vida selvagem, como por exemplo, o desmatamento gerando redução de hábitat e a caça dos animais domésticos e de criação. Ele representa um problema histórico e que atinge todas as localidades onde o homem convive próximo aos carnívoros (predadores) (REIS et al., 2011).

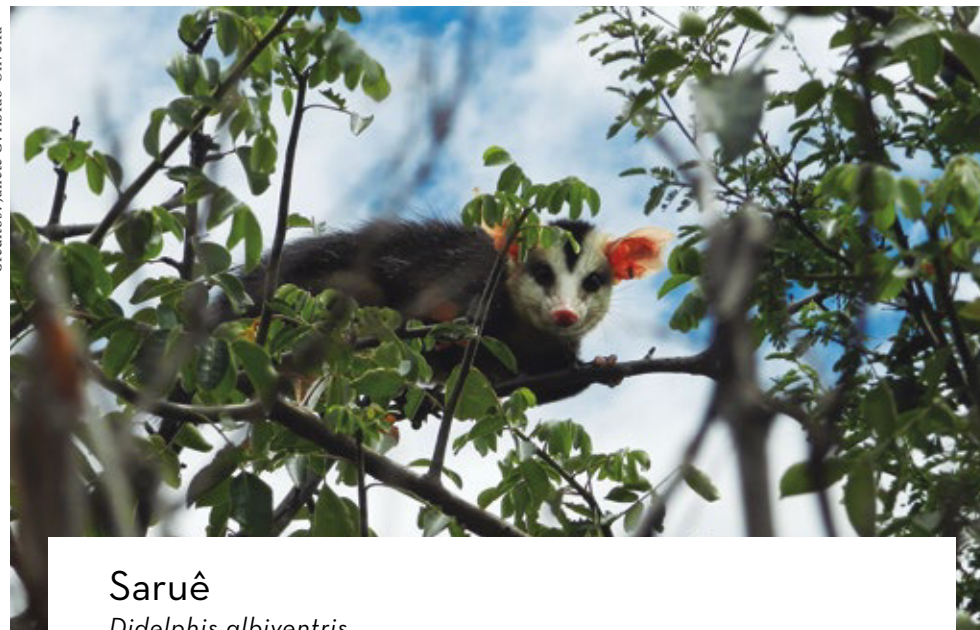
O ataque de um animal por outro lado é um processo natural, fundamental para a manutenção da biodiversidade no planeta. Os predadores desempenham uma importante função ecológica, mantendo estáveis e equilibrados os ecossistemas em que vivem, por exercerem controle nas populações de presas, como por exemplo, de roedores. No entanto, diversos fatores têm causado uma crescente aproximação entre os predadores silvestres e os animais domésticos e de criação. A expansão da fronteira agrícola, a formação de pastagens para o gado e o desmatamento reduzem os ambientes naturais e aumentam o contato entre animais carnívoros (predadores) que, em busca de alimento, predam animais domésticos (MARCHINI et al., 2011).

Desta forma como o homem faz parte do meio ambiente e assim como todo animal é importante para a manutenção da biodiversidade, a intervenção humana exacerbada no ambiente gera um desequilíbrio em todo ecossistema, implicando na diminuição de espécies e levando a interações negativas sentidas pelos próprios humanos. Percebendo isto foi criada a Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/98) que nos artigos 29 a 35, abarcam condutas relacionadas à caça:

“Art.29. Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida:
Pena – detenção, de 6 (seis) meses a 1 (um) ano, e multa. ”

Esta Lei visa atribuir importância à conservação da natureza, incluindo a flora e a fauna silvestres em benefício das gerações atuais e futuras, para isto vale ressaltar que é um dever de todos cidadãos a compreensão do equilíbrio ambiental e a responsabilidade por atos a favor da conservação das espécies.

Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira



Saruê

Didelphis albiventris

Pode alcançar aproximadamente 50 centímetros de comprimento. A coloração predominante é grisalha, devido à mistura de pelos negros e esbranquiçados ao longo do corpo, apresentam variações na coloração, alguns indivíduos podem ser mais escuros do que outros. O rosto apresenta três listras pretas, duas delas sobre os olhos e uma na frente. As orelhas são branco-rosadas com base de cor preta. A cauda possui pelos apenas na base, sendo nua no restante, utilizam a cauda para se prender em galhos. As fêmeas possuem marsúpio (bolsa) que abriga mamãs em seu interior, onde os filhotes nutrem-se e protegem-se durante parte de seu desenvolvimento, quando a bolsa não consegue mais contê-los, são transportados pela mãe em suas costas. São amplamente distribuídos na Caatinga. Alimentam-se de roedores e aves de pequeno porte, bem como rãs, cobras, lagartos, insetos, caranguejos e frutos, também sendo capazes de predação de serpentes peçonhentas, devido a possível tolerância ao seu veneno, sendo, portanto, importantes no controle de populações de serpentes peçonhentas. Apresentam hábitos crepusculares e noturnos, buscando abrigo em ocos de árvores, entre suas raízes, ou debaixo de troncos caídos. Possui valor cinegético, sendo caçada ilegalmente.



Créditos: Thiago Filadelfo

Tatu-verdadeiro

Dasypus novemcinctus

Possui aproximadamente 1,06 metros de comprimento. A carapaça é de coloração pardo-escuro, com escudos amarelados de intensidade variável principalmente nas cintas móveis.

Possui uma ampla ocorrência, sendo encontrado em ambientes de caatinga arbustiva e áreas abertas. Possui a maior distribuição geográfica dentre todos os tatus. Alimentam-se principalmente de cupins, formigas e besouros, mas também podem consumir outros invertebrados, material vegetal, vertebrados de pequeno porte, ovos e carniça. São crepusculares e noturnos, mas podem ter atividades durante o dia, com hábito semifossorial (semi escavador). É solitário, com exceção da época de acasalamento e da mãe com a prole. Durante o período de acasalamento o macho segue a fêmea e ambos forrageiam juntos por vários dias. As fêmeas podem reter óvulos fecundados retardando sua implantação no útero, e deste modo, gerar filhotes depois de muito tempo decorrido o ato de cópula. Muitos tatus-verdadeiros morrem em atropelamentos rodoviários e são grandes vítimas da caça. Na região é um animal de valor cinegético alto, sendo tão caçado que se torna difícil de encontrá-lo.



Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira

Preá

Galea spixii

Possui aproximadamente 28 centímetros de comprimento com cauda atrofiada. Possui o corpo alongado, a pelagem é densa e hispida, coloração uniforme, com a superfície dorsal variando de cinza-escuro a amarelada, o ventre pode ser branco ou branco-amarelado, e pode apresentar uma mancha branca pós-auricular. Segundo Oliveira (2003) esta espécie apresenta grande parte da distribuição na Caatinga, mas não é endêmica. Esta espécie frequentemente ocorre nos mesmos locais que o Rabudo (*Thrichomys apereoides*) do qual pode ser diferenciada pela ausência da cauda, porém na região do empreendimento também é muito comum encontrar rabudos sem cauda, o que pode confundir as duas espécies. Alimentam-se de vegetais variados, raízes, tubérculos e sementes. São terrestres e diurnas, mas são ativas em pequenos intervalos durante a noite. Espécie de valor cinegético.



Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira

Rato-calunga

Calomys expulsus

Possui aproximadamente 11 centímetros de comprimento. A coloração do dorso varia de castanho-acinzentado ao castanho-amarelado, as laterais são mais claras, apresentando limite bem definido com o ventre, que é esbranquiçado, com a base dos pelos cinzas. Possui tufo de pelos brancos característicos na parte basal atrás das orelhas, que são curtas. A cauda é fina, escura na parte dorsal e clara na parte ventral. Segundo Oliveira (2003) esta espécie apresenta grande parte da distribuição na Caatinga, mas não é endêmica, habitando ambientes de caatinga arbórea e áreas abertas na caatinga. Alimentam-se principalmente de grãos e frutos, mas também podem consumir partes de insetos. São terrestre e noturno, com grande potencial para locomoção. Constroem ninhos esféricos, em depressões no solo, camuflados com folhas e gravetos, ou entre folhagens, pouco elevados do solo, em tronco de árvores mortas ou embaixo desses troncos. Reproduzem-se em uma taxa alta durante todo o ano, mesmo em períodos prolongados de falta de água.

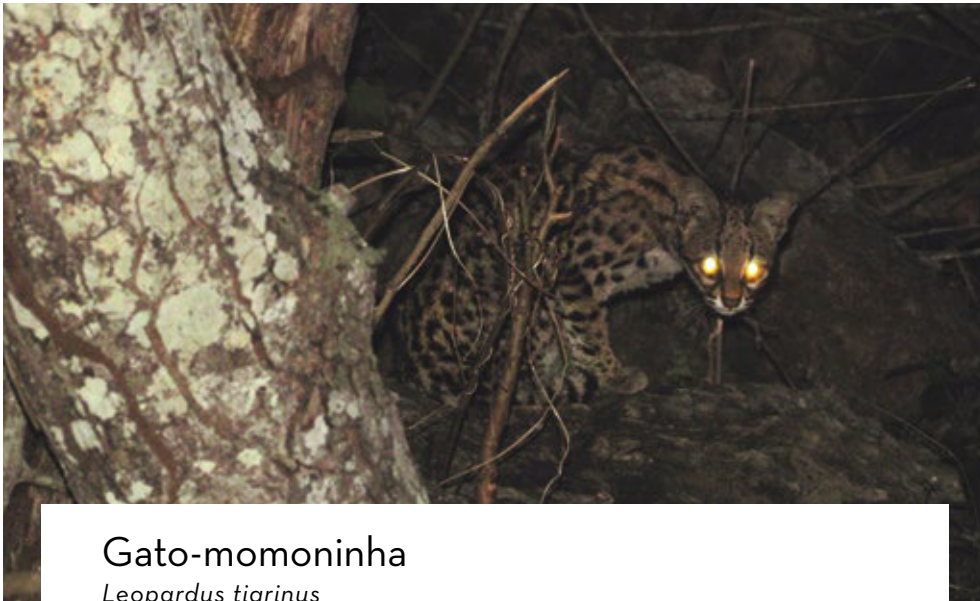


Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira

Rato-do-nariz-laranja

Wiedomys pyrrhorhinos

Possui aproximadamente 12 centímetros de comprimento, possui dorso acinzentado, constituído por pelos de base cinza, sendo homogeneamente castanho-escuros ou com uma banda na ponta de cor laranja, proporcionando uma notável tonalidade alaranjada na parte posterior do dorso. Laterais tão acinzentadas quanto o dorso, com limite bem definido com o branco puro do ventre, formado por pelos totalmente brancos. Superfície externa das orelhas e do focinho alaranjada, tal como o dorso posterior. Região da base externa das orelhas revestida por pelos alaranjados com a base branca. Alimentam-se primariamente de grãos, mas também podem ingerir insetos. Esta espécie é endêmica da Caatinga e amplamente distribuída neste bioma. Constroem ninhos com folhas ou capim em árvores ou arbustos. São arborícolas e terrestres.



Créditos: Leandro Oliveira

Gato-momoninha

Leopardus tigrinus

É o segundo menor gato silvestre da América do Sul, com tamanho semelhante ao de um gato doméstico (*Felis catus*). Seu comprimento pode chegar aproximadamente a 70 centímetros. Os pelos da nuca são voltados para trás, características estas que permitem diferenciar essa espécie de outras espécies. Habita todas as fisionomias da Caatinga. Sua coloração possui tonalidades de amarelo e castanho, sendo a existência de indivíduos melânicos relativamente comum. Possui rosetas pelo corpo, geralmente sólidas, pequenas e abertas. Alimentam-se principalmente de pequenos vertebrados, aves, lagartos e outros mamíferos. Esta espécie é classificada como “em perigo”. São solitários, escansoriais (sobem e descem dos troncos) e predominantemente noturnos, apesar de haver atividade diurna. Sua densidade populacional, geralmente baixa, pode ser menor na presença de *Leopardus pardalis* (Jaguaritica), devido, principalmente, à competição entre essas espécies. A caça predatória para comercialização, além da captura para criação doméstica, tráfico, atropelamento e a destruição das florestas são as principais causas de ameaça para essa espécie. Populações estão seriamente fragmentadas, sendo severamente reduzidas pela conversão do habitat natural para plantações e pastagens.

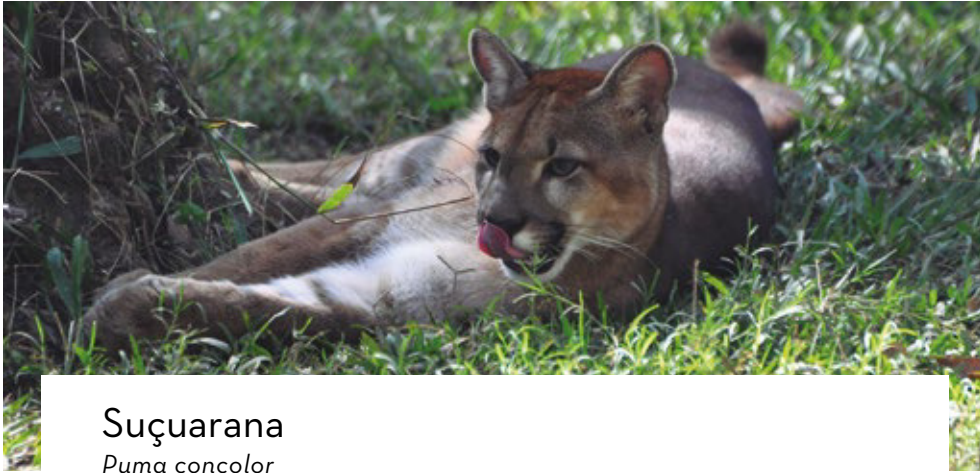


Créditos: Barbara Zimbres

Jaguaritica

Leopardus pardalis

Mede aproximadamente 1,03 metros de comprimento. A coloração pode variar do cinza-amarelado bem pálido ao castanho com as mais diversas tonalidades intermediárias; na região ventral a coloração é esbranquiçada e as manchas negras tendem a formar rosetas abertas que se unem formando bandas longitudinais nas laterais do corpo, formando listras que vão do topo dos olhos à base da cauda. Sendo um dos felinos mais amplamente distribuídos, parecem exigir áreas de habitat com cobertura densa, habitando todos os biomas brasileiros. Habita todas as fisionomias da Caatinga. Alimentam-se de grande variedade de mamíferos de pequeno e médio porte, além de aves, répteis, anfíbios, peixes e caranguejos. Possui hábitos solitários com atividade predominantemente noturna. Excelente escalador e bom nadador. Foi um dos felinos mais explorados para o comércio de peles, porém com a lei de proibição à caça este comércio diminuiu e hoje a principal ameaça para este felino é a destruição de seu habitat. A perturbação humana (incluindo a exploração madeireira e a pressão de caça e a perda do habitat) influenciam negativamente a densidade e probabilidade de ocorrência das jaguariticas.



Créditos: Thiago Filadelfo

Suçuarana

Puma concolor

Chega a aproximadamente 1,60 metros de comprimento. A pelagem é uniforme, de coloração variando entre o marrom-acinzentado e o marrom-avermelhado, com exceção do peito mais claro e a extremidade da cauda negra; podem apresentar uma linha escura na extremidade dorsal. Filhotes são claros e possuem manchas negras pelo corpo que desaparecem com seu crescimento. Encontra-se distribuídos em todos os biomas brasileiros. É o felídeo de maior área de distribuição no continente americano e a segunda maior espécie de felídeo no Brasil. Habita todas as fisionomias da Caatinga. É um dos carnívoros mais generalistas, apresentando uma dieta variada, sendo composta basicamente por mamíferos de médio à grande porte como caititu, veado, tamanduá e raposa, porém presas menores como tatu, pequenos roedores e marsupiais, aves, répteis, peixes e invertebrados, também podem fazer parte de sua dieta. Esta diversidade no porte das presas faz com que a suçuarana exerça um papel importante na manutenção da integridade dos ecossistemas onde ocorrem. Quando abate um animal grande que não consegue comer totalmente no mesmo dia, cobre o restante com folhas e galhos para voltar a alimentar-se da mesma carcaça nos dias seguintes. A predação sobre bovinos, ovinos, caprinos, equinos, e suínos, aves e cachorros domésticos também pode ocorrer, o que provoca muitas vezes o seu abatimento por fazendeiros. Possui hábitos solitários e territorialistas, tendo maior atividade ao entardecer e à noite, mas o período de atividade pode variar muito. Se reproduzem em qualquer época do ano, podendo nascer de um a seis filhotes, A caça e a alteração de seus habitats, com consequente redução da disponibilidade de presas, são as principais ameaças à sobrevivência da suçuarana.



Créditos: Thais Figueiredo S. Silva

Gato soim

Puma yagouaroundi

Pode chegar aproximadamente a 90 centímetros de comprimento. A coloração é uniforme, apresentando três tipos básicos: marrom escuro, cinza ou avermelhado. Geralmente os indivíduos de coloração mais escura estão associados a florestas, enquanto os mais claros a ambientes mais secos e abertos. Ocorre em vários tipos de ambientes, de áreas arbustivas abertas até florestas de dossel fechado. Habita todas as fisionomias da Caatinga. Alimenta-se basicamente de pequenos mamíferos, répteis e aves terrestres, podendo eventualmente chegar a utilizar animais de porte superior a 1kg. Esta espécie é classificada como “vulnerável. Embora acredite-se que este animal seja mais resistente à perturbação humana, a perda de habitats tem um impacto negativo sobre a sua probabilidade de ocorrência, bem como sua caça por retaliação devido ao abate de galinhas. Geralmente são solitários, mas podem ser vistos em par. São diurnos e terrestres, porém com habilidade para escalar árvores.



Créditos: Leandro Oliveira

Raposa

Cerdocyon thous

Pode chegar aproximadamente a 88 centímetros de comprimento. Sem muitas diferenças entre machos e fêmeas. Apresentam coloração grisalha (cinza), alguns pelos negros que podem variar individualmente, com alguns indivíduos possuindo coloração quase negra e outros com coloração mais amarelada, com faixa negra da nuca até a ponta da cauda, e o peito e o ventre claros. Possuem as extremidades dos membros de cor escura com pelos relativamente curtos. Habita todas as fisionomias da Caatinga. São onívoros (alimentam-se de quase tudo), generalistas e oportunistas, sua dieta varia dependendo da estação e tipo de habitat, mas geralmente incluem grandes proporções de frutos e pequenos mamíferos, mas também podem ser encontrados artrópodes, aves, répteis e anfíbios. Devido a um alto consumo de frutos podem agir como dispersores de sementes. Apesar de não estarem ameaçadas de extinção, muitas populações sofrem com os impactos do atropelamento em rodovias pelo país, sendo considerada uma das espécies de carnívoros com maior proporção de mortes por esta causa, além de também possuírem valor cinegético. Possuem hábito noturno e crepuscular. Espécie monógama, gerando uma ninhada por ano a cada sete ou oito meses.

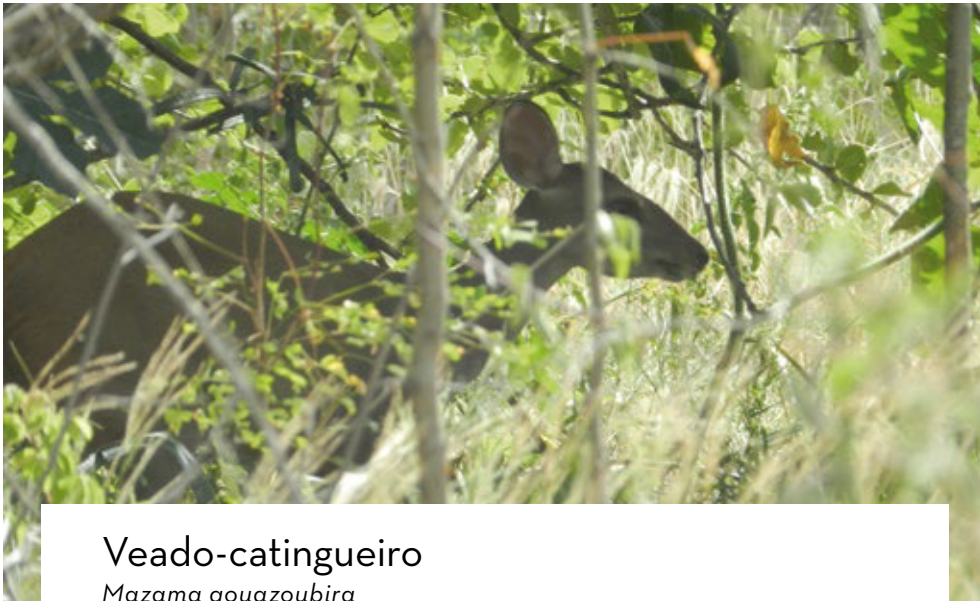


Créditos: Thiago Filadelfo

Gambá-verdadeiro

Conepatus semistriatus

Pode chegar aproximadamente a 60 centímetros de comprimento. Possui cabeça arredondada, corpo compacto e patas dianteiras com garras longas e negras, focinho longo e sem pelo. A cauda é volumosa com coloração negra próxima à base e branca na porção distal. A coloração do corpo varia de preto a marrom escuro com uma lista branca saindo da cabeça, dividindo-se em duas, as quais seguem paralelas até a base da cauda. O padrão dessas listras pode variar entre indivíduos. Na Caatinga, ocorrem principalmente em áreas abertas. Alimentam-se de forma generalista, incluindo carniça. É um animal terrestre e predominantemente solitário, podendo ser encontrado em pares apenas na época reprodutiva. Possui padrão de atividade crepuscular ou noturno. Possuem glândulas perianais que produzem uma substância volátil e fétida utilizada para defesa, sendo esta uma característica marcante do gênero *Conepatus*. Em regiões de Caatinga, a espécie é caçada ilegalmente para consumo da carne e/ou produção de medicamento.



Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira

Veado-catingueiro

Mazama gouazoubira

Pode alcançar aproximadamente 1,06 metros de comprimento. A pelagem é bastante variável, podendo ser observados em uma mesma população indivíduos acinzentados, marrons, avermelhados ou pardos. Quando filhotes são pintados, sendo que as manchas começam a desaparecer do quarto ao sexto mês. Ocorre em vários ambientes, de florestas densas a savanas, mas sempre utilizando áreas florestais para abrigo e alimentação. Ocorrem em ambientes de caatinga arbórea, arbustiva, mata de galeria e área aberta Alimentam-se de frutas, flores, folhas, plantas herbáceas e fungos. São diurnos e solitários, embora indivíduos possam ser vistos se alimentando muito próximos em épocas de baixa disponibilidade de alimento, ou na época de acasalamento. São tímidos e esquivos, uma vez que são presas constantes de onças, cachorros-do-mato e, principalmente, do homem por possuir valor cinegético alto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONVICINO, C. R.; OLIVEIRA, J.A.; D'ANDREA, P.S. *Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos*. - Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS, 2008.

HAUFF, S.N. PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO PROJETO BRA/00/021: *Sustentabilidade e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade Representatividade do Sistema Nacional de Unidades de Conservação na Caatinga*, Brasília, 2010.

HERNANDEZ, E. F. T. *Das redes e do tráfico de animais*. Geografia, vol. 11, n. 2, jul/dez. 2002. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina.

ICMBIO- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Acessado em: <http://www.icmbio.gov.br/cecat/conservacao-da-biodiversidade/biodiversidade.html>, 12 de maio de 2016 às 14: 25.

IUCN. 2016 - *União Internacional para a Conservação da Natureza*, versão 2016-1. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 28 Julho 2016, às 14: 58.

MACHADO, A.B. M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. 2008. *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*.1.ed. - Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas, 2v. (1420 p.): il. - (Biodiversidade; 19)

MARCHINI, S.; CAVALCANTI, S.M.C.; de Paula, R.C. *Predadores silvestres e animais domésticos: guia prático de convivência*. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2011. 45p.

MMA- Ministério de Meio Ambiente. 2014. *A Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção*. Brasília.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. 2011. *Mamíferos do Brasil- guia de identificação*. Rio de Janeiro. 2ª ed. 43p.

VIDOLIN, G. P.; MANGINI, P. R.; BRITO, M. de M.; MUCHAILH, M. C. 2004. Programa Estadual de manejo da fauna silvestre apreendida – Estado do Paraná, Brasil. *Cad. Biodivers.* v. 4, n. 2, dez.

FLORA

HELEN AYUMI OGASAWARA

A mineradora Vanádio de Maracás está inserida na ecorregião denominada Depressão Sertaneja Meridional que possui área de aproximadamente 2.413,26 km² e vegetação predominante de Caatinga. A Caatinga nada mais é do que o único bioma exclusivamente brasileiro. Possui uma área aproximada de 844,453 km², ocupando cerca de 70% do Nordeste e cerca de 11% do território nacional. Possui elevadas temperaturas e chuvas escassas, distribuídas irregularmente ao longo do ano, com precipitação média anual de menos de 1000 mm com longos períodos de estação seca, variando de sete a onze meses. Essa sazonalidade, somado a outros fatores, confere a este bioma diversos mosaicos vegetacionais, onde podem ser encontradas regiões onde há predomínio de indivíduos arbustivos de baixa estatura distribuídos de forma espaçada no ambiente, até florestas densas com indivíduos podendo atingir 8 m de altura.

Mesmo com suas condições climáticas adversas e o processo acelerado de degradação ambiental, em decorrência da forte pressão antrópica, atualmente neste bioma, são conhecidas cerca de 4.848 espécies vegetais, das quais 114 gêneros e 2.607 espécies são endêmicas. Os indivíduos caracterizam-se por possuírem folhas pequenas (microfilos), que perdem suas folhas durante o período de seca (decíduos), muito ramificados e armados com espinhos ou acúleos (espinhos mais fracos) e caules suculentos (que armazenam água), adaptados ao ambiente hostil. Essas espécies pertencem, principalmente, às famílias Fabaceae (Leguminosae), Euphorbiaceae, Malvaceae, Asteraceae, Poaceae, Acanthaceae e Rubiaceae. Algumas espécies são típicas desses ambientes, onde são amplamente distribuídas, como: *Amburana cearensis* (“imburana-de-cheiro”), *Aspidosperma pyriformium* (“pereira”), *Myracrodruon urundeuva* (“aroeira”), *Cnidoscolus quercifolius* (“favela”), *Poincianella pyramidalis* (“catingueira”), *Cereus jamacaru* (“mandacaru”), *Ziziphus joazeiro* (“juazeiro”), entre outras.

Nos últimos anos, vários esforços têm sido concentrados com o objetivo de conhecer a diversidade biológica dos biomas brasileiros e propor ações de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, especialmente na Caatinga, que é considerada uma das 37 grandes regiões naturais do planeta.

Dentre os tipos vegetacionais encontrados na área da mineradora estão a caatinga arbustivo-arbórea, mata de galeria (ciliar) e também são encontradas áreas abertas devido as utilizações para pastos.

Para este guia serão descritas as espécies consideradas mais significativas por toda área da mineradora Vanádio de Maracás, tanto pela sua ocorrência restrita (endemismo) nos ambientes de Caatinga, pela sua importância econômica e grau do risco de extinção.



Créditos: Paulo Oliveira

Alamanda

Allamanda puberula A.DC.

É um arbusto com cerca de 2-3 metros de altura com caule ereto e glabro (sem pelos), suas folhas são geralmente verticiladas (várias folhas saindo do mesmo ponto ou nó), mas podem ser opostas também. Suas flores são dispostas em inflorescências (conjunto de flores), terminais (no final do ramo) ou axilares (situado junto ao ponto inserção de uma folha ou um ramo), de coloração amarela. Seus frutos são deiscentes (que se abrem naturalmente), seco e leve, compressa e espinhosa, as sementes são aladas com estruturas que possibilitam o “pouso” ou “voo” da semente, sendo assim dispersas pelo vento. Sua floração acontece na época chuvosa e frutifica logo depois. Ocorrem em áreas de caatinga arbustiva, sendo uma espécie endêmica do Brasil (BA, CE, PI, PE, MG, TO). Esta espécie serve como sítio de nidificação (abrigo, ninho) de formigas, que facilitam a dispersão de algumas espécies de cactos, como por exemplo *Discocactus zehntneri* subsp. *boomianus* (“cabeça-de-frade”), também é uma planta ornamental, utilizada como cerca-viva e bordadura (delimitação dos canteiros de um jardim).



Créditos: Alexandre Barros

Araticum

Annona vepretorum Mart.

Possui porte arbóreo com cerca de 6-7 metros de altura, com caule ereto e glabro (sem pelos). As folhas são simples, de disposição alternada, suas flores são creme-amareladas. Seus frutos são carnosos e indeiscentes (que não se abrem naturalmente), formados por agregados de bagas. São polinizadas por coleópteros (besouros) e seus frutos são dispersos por aves e mamíferos. Habitam áreas de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica do Estado da Bahia. Possui potencial ornamental, alimentício e medicinal, indicado contra picadas de abelhas e é considerado um anti-inflamatório natural.



Créditos: Daniel Araújo

Barriguda

Ceiba glaziovii (Kuntze) K.Schum

Possui porte arbóreo podendo chegar a mais de 10 metros de altura, seu tronco possui intumescência ou inchaço, lembrando uma barriga, que possui finalidade de reservar água nas épocas de seca e galhos cobertos por acúleos (semelhante a espinhos). Suas folhas são compostas, em forma de palmas e de disposição alternada, as flores brancas com estrias longitudinais avermelhadas, dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo). As sementes são marrom-escuras, globosas, envoltas por paina (algodão) branca, que são dispersas pelo vento. Esta espécie é indicada para recuperação de áreas na segunda fase da recomposição, por ser uma espécie secundária, ou seja, constitui o segundo estágio da recuperação da vegetação, são plantadas depois do crescimento das primeiras plantas num ambiente aberto. Sua polinização é feita por quirópteros (morcegos). Floresce entre os meses de maio e outubro e frutifica entre setembro e dezembro. Habitam áreas de caatinga arbustivo-arbórea e são endêmicas do Nordeste do Brasil (BA, CE, PB, PE). Possui potencial ornamental e medicinal, sua casca é utilizada no tratamento de diabetes, hérnias, reumatismo, inflamação do fígado, problemas cardíacos e pressão alta.



Créditos: Luciano Pataro

Baraúna

Schinopsis brasiliensis Engl

É uma árvore, podendo chegar a 15 metros de altura. Suas folhas são compostas de várias pequenas folhas, suas flores são dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo) e brancas. Seus frutos são secos, alados e indeiscentes (que não se abrem naturalmente), dispersos pelo vento. É uma espécie pioneira, as primeiras a nascer em locais abertos, pois precisam de sol, utilizada em recuperação de áreas degradadas. Floresce entre os meses de novembro e fevereiro, e frutifica entre agosto e setembro. Habitam áreas de caatinga arbustivo-arbórea e são amplamente distribuídas pelo Brasil. A baraúna é uma espécie protegida contra o corte e comercialização, por possuir principalmente potencial madeireiro (utilizada em construção civil), medicinal (utilizada contra verminoses em animais e sua casca é utilizada no combate a dores de dente e ouvido) e também é ornamental (utilizada em arborização urbana).

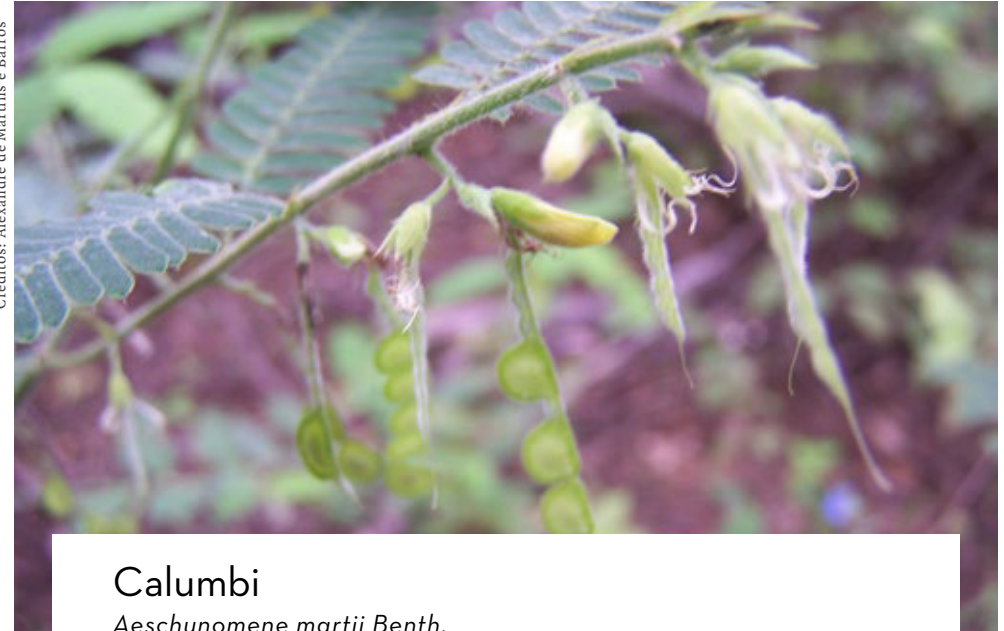


Créditos: Daniel Araújo

Cabeça-de-frade

Melocactus bahiensis (Britton & Rose) Luetzelb.

Possui caule globoso, costeladas, com aproximadamente 15 centímetros de altura, com espinhos duros e longos; na fase adulta desenvolve uma estrutura discoide (circular) em seu ápice (topo), denominada cefálio, sendo essa uma estrutura de floração com espinhos modificados que, muitas vezes, apresenta coloração avermelhada; suas flores são de coloração púrpura. Os frutos são carnosos do tipo baga, avermelhados. Floresce o ano todo com maior intensidade no verão e são visitadas por abelhas. Habitam a caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. Tem uso medicinal (seu chá é utilizado para tratar doenças nos rins e no intestino), alimentício (sendo utilizada para fazer doces) e também ornamental. É bastante utilizada por agricultores para alimentar animais de criação.



Créditos: Alexandre de Martins e Barros

Calumbi

Aeschynomene martii Benth.

Possui porte arbustivo podendo chegar a 4 metros de altura, seu tronco possui uma casca rugosa, folhas compostas de várias pequenas folhas. Suas flores são também dispostas em inflorescências (conjunto de flores) amarelo-alaranjadas, estandarte (pétala superior) com nervuras vináceas. Floresce entre os meses de outubro e abril e frutifica entre janeiro e abril. São comuns em áreas de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica do Brasil. É uma planta ornamental, utilizada para forragem e adubação verde.



Créditos: Helen Ogasawara

Cansanção

Cnidoscolus urens (L.) Arthur

É um arbusto com 1,5 metros de altura, possuem látex branco, ramos com espinhos urticantes (que coçam), folhas lobadas (com fendas arredondadas). Suas flores são brancas e estão dispostas em inflorescências (conjunto de flores) ao final do ramo. O fruto é arredondado verde escuro, com linhas verdes, essas linhas são onde o fruto de abre. Toda a planta tem pelos agudos com uma substância extremamente urticante, que provocam sensação de queimadura ao toque com a pele. Floresce e frutifica o ano todo. São polinizadas por beija-flores, borboletas e mariposas. Habitam vegetação de caatinga arbustivo-arbórea é uma espécie muito presente na Caatinga. Possuem potencial medicinal, suas raízes e casca do caule apresentam propriedades anticancerígenas e antiinflamatórias do útero, ovário e próstata, usada também no combate a problemas renais, diarreia, hemorragia, menstruação, apendicite e reumatismo.



Créditos: Alexandre Barros

Catingueira

Poincianella pyramidalis (Tul.) L.P.Queiroz

Possui porte arbustivo, com cerca de 6 metros de altura, seu tronco não possui espinhos, as folhas são compostas e pinadas (vários folíolos), as flores dispostas em inflorescências em forma de pirâmide e terminais (no final do ramo), as pétalas são amarelas, algumas com nervuras vermelho-alaranjadas. Frutos tipo legume fortemente comprimido e apiculado (pontudo no final), com abertura elástica. Possui crescimento rápido e com boa capacidade de rebrota, podendo se comportar como uma espécie colonizadora em áreas de recém cortadas. Estas características podem indicar que é uma planta com grande potencial para colonização de áreas degradadas e para produção de lenha. Floresce e frutifica entre os meses de novembro a julho. Ocorrem em caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. São ornamentais, medicinais e utilizadas para lenha.

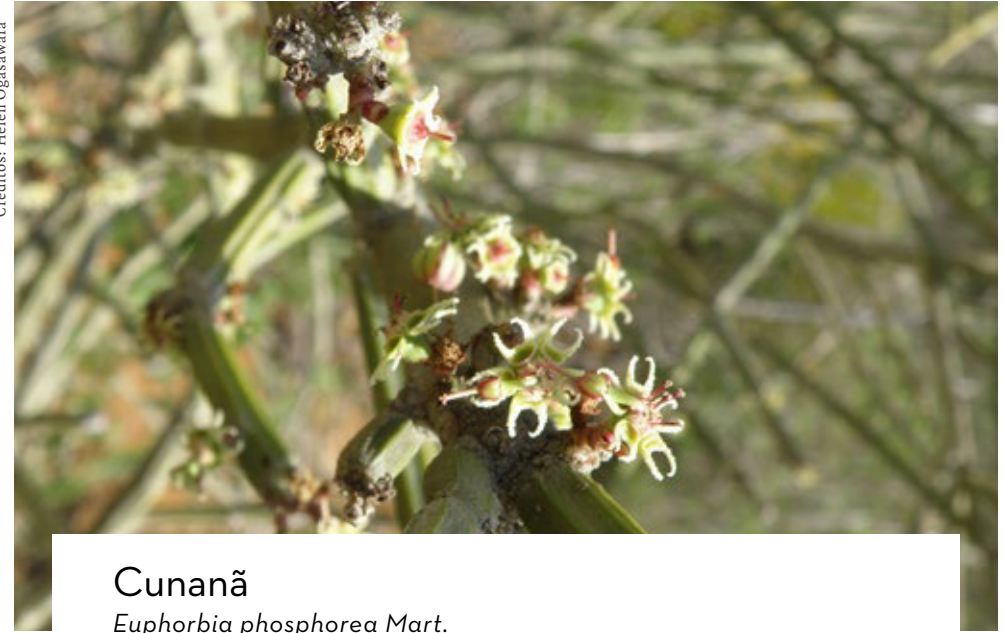


Créditos: Luciano Pataro

Croá

Neoglaziovia variegata (Arruda) Mez

Possui hábito herbáceo, terrestre, com cerca de 1 metros de altura, não possuem caule. As folhas são lineares, listradas, suas flores são dispostas em inflorescências (conjunto de flores) com ramo floral avermelhado e pétalas lilases, sendo polinizadas por beija-flores e visitadas também por abelhas e borboletas, pois produzem altas concentrações de néctar. Seus frutos são denominados de bagas carnosas. O brotamento ocorre, principalmente, na época chuvosa; floresce no período de transição entre o final da estação seca e início da chuvosa; frutifica logo após a floração. Habitam áreas de caatinga arbustivo-arbórea e são amplamente distribuídas no Brasil. São ornamentais e suas fibras também são utilizadas para fazer artesanato.



Créditos: Helen Ogasawara

Cunaã

Euphorbia phosphorea Mart.

Arbusto, com cerca de 2 metros de altura, caules ramificados e eretos, com costelas e nós de cor esverdeada e presença de látex. Os ramos mais jovens são avermelhados a chegando a ter tons de vinho. As folhas são caducas (caem em determinadas épocas), suculentas e avermelhadas, as flores avermelhadas são pequenas e dispostas em inflorescência (conjunto de flores) denominada de cíatio. É uma espécie de fácil cultivo, que é adequado para qualquer tipo de solo bem drenado em pleno Sol, se estabelecendo na paisagem em apenas 3-5 anos, e relativamente duradoura, pois uma vez estabelecida, permanecerá no ambiente durante anos. Floresce o ano todo. Habitam a caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. Seu látex (leite) é aplicado localmente para remover verrugas e no combate a úlceras.



Créditos: Paulo Oliveira

Facheiro

Arrojadoa penicillata (Gürke) Britton & Rose

Possui 1-2 metros de altura, com caule cilíndrico, ereto, com costelas, podendo formar ramificações, possuem espinhos marrons quando jovens e brancos quando maduros. Suas flores solitárias no final do caule, formando aglomerados rosas. Quando maduras ficam em coloração negra e caem formando anéis de crescimento onde novos ramos se formam. Os frutos são vermelhos e carnosos do tipo baga. A floração e frutificação ocorrem ao longo de todo ano, com maior produção de flores no período de novembro a fevereiro e picos de produção de frutos ocorrendo, geralmente, um mês após o pico de floração. São visitadas por abelhas, moscas, borboletas e aves. É uma espécie endêmica da Caatinga ocorrem na caatinga arbustivo-arbórea (lajedo). Pela sua beleza é uma planta com uso ornamental.



Créditos: Thiago Filadelfo

Favela

Cnidoscolus quercifolius Pohl

Arvoreta, podendo chegar a 12 metros de altura, possui caule ereto, cilíndrico, com látex e pelos urticantes. As folhas são alternas, lobadas a inteira oval, também com pelos urticantes. Suas flores são brancas e dispostas em inflorescências, os frutos são secos, deiscentes (que se abrem naturalmente). É uma espécie pioneira, decídua (perdem suas folhas nas épocas secas), e floresce nos meses de junho a janeiro e frutifica em fevereiro a julho. É uma espécie endêmica da Caatinga e ocorrem na caatinga arbustivo-arbórea (lajedo). É uma planta medicinal, sua casca é utilizada para cicatrização de feridas em humanos e animais (bicheiras), o látex contra dor de dente, a água da casca e o pó da casca para cicatrizar feridas. As folhas e cascas secas servem de forragem para cabras, carneiros e bovino, e as folhas e sementes são utilizadas como alimento de animais de criação.



Créditos: Luciano Pataro

Folha-miúda

Poincianella microphylla (Mart. ex G.Don) L.P.Queiroz

Possui hábito arbustivo, com cerca de 1-5 metros de altura, sem espinhos, seu tronco possui casca lisa. As folhas são compostas de várias pequenas folhas, suas flores são dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo) ou axilares (situado junto ao ponto inserção de uma folha ou um ramo) com pétalas amarelo-ouro, pétala superior com manchas avermelhadas. Seus frutos em forma de legumes (vagens) compressas e deiscentes. É uma espécie pioneira (as primeiras a nascer em locais abertos, pois precisam de sol), com grande potencial para recuperar áreas degradadas. Floresce e frutifica de novembro a junho, habitam a caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica da Caatinga. Suas folhas servem de alimento para o gado e a casca é usada para preparação de um chá medicinal contra febre e problemas estomacais.

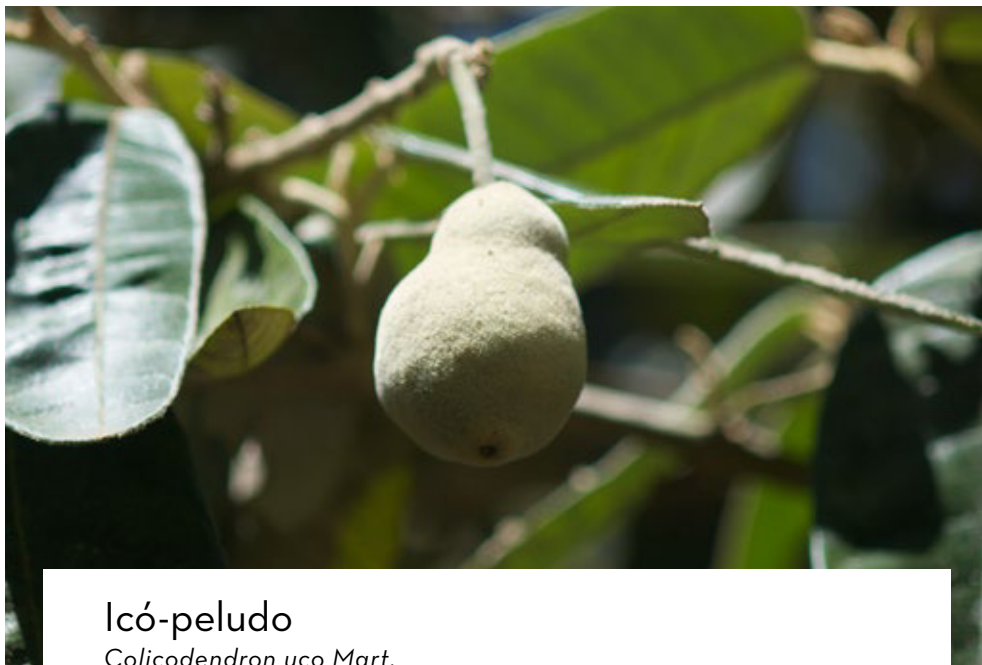


Créditos: Helen Ogasawara

Icó-liso

Neocalyptocalyx longifolium (Mart.) Cornejo & Iltis

É uma arvoreta, com até 10 metros de altura, suas folhas são simples, alternas, espiraladas, com flores dispostas em inflorescências terminais e pétalas esverdeadas. Seus frutos são carnosos e não se abrem naturalmente. Floresce de janeiro a março e em maio e julho e frutifica entre janeiro a março e de maio a dezembro, é bastante comum em áreas de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica da Caatinga. Serve para consumo humano e é utilizada como forrageira, para alimentação de animais, uso abortivo e veterinário.



Créditos: Luciano Pataro

Icó-peludo

Colicodendron yco Mart.

Árvore de pequeno porte podendo chegar a 15 metros de altura, com caule ereto, folhas alternas e simples, pinadas. Suas flores são dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo), com pétalas brancas; os frutos são carnosos, do tipo baga e não se abrem naturalmente. É uma espécie pioneira, polinizada por aves e morcegos e dispersa por aves e mamíferos. Pode indicar o estado de conservação da flora de determinados ambientes, uma vez que não são adaptadas a colonizar ambientes fortemente antropizados (que sofreu ação do homem). Possuem folhas o ano inteiro para armazenamento de água, floresce e frutifica principalmente entre os meses de setembro e janeiro. Ocorrem em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica da Caatinga. Serve para consumo humano e possui uso medicinal.

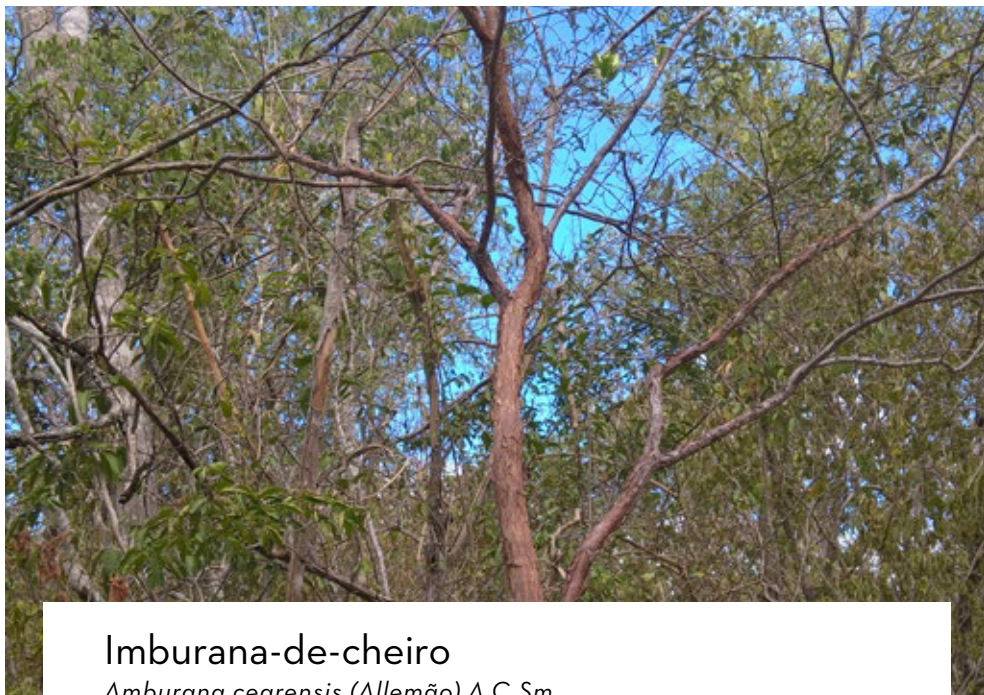


Créditos: Alexandre Barros

Imbiruçu

Pseudobombax simplicifolium A.Robyns

É uma árvore, podendo chegar a 18 metros de altura, com caule ereto com estrias esverdeadas. As folhas são simples e agrupadas no ápice do ramo, as flores são solitárias, subterminais a terminais (quase ou final do ramo), as pétalas são lineares, longas e marrons quando secas. Seus frutos são cápsulas alongadas e pains (algodão) abundantes creme-amarronzadas. É uma planta decídua (que perdem as folhas em épocas secas), pioneira (as primeiras a nascer em locais abertos, pois precisam de sol), utilizada em recuperação de áreas degradadas. Suas folhas caem no período de floração, geralmente no inverno; a floração é entre maio e setembro e frutificação entre agosto e novembro. Ocorrem na caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica da Bahia. Sua paina (algodão) possui propriedades anti-hídrica (refração à umidade, resistência à imersão) e anti-condutora de calor, apropriadas para o enchimento de almofadas, colchões, travesseiros, agasalhos, estofados e, sobretudo, confecção de coletes salva-vidas, devido à sua resistência à ação da água do mar, além de apresentar a propriedade de abafar sons.

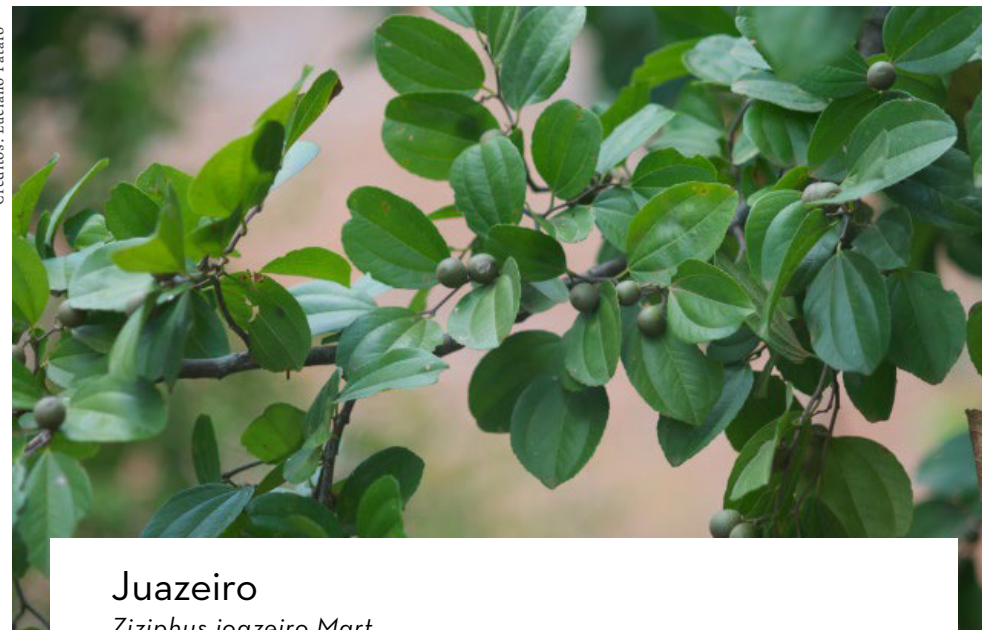


Créditos: Janete G. Abrão-Oliveira

Imburana-de-cheiro

Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.

Árvore com 5-10 metros de altura, com caule ereto, casca lisa e descamante. As folhas são compostas de várias pequenas folhas, as flores são dispostas em inflorescências terminais, pétalas brancas com tons róseos, seus frutos são secos, do tipo legume (vagem). É uma espécie pioneira, indicadas para recuperação de matas ciliares, e ocorre em diferentes tipos de solo. Possui forte odor de cumarina (baunilha) que exala de qualquer parte da planta recém cortada. Embora as flores sejam perfumadas, não há registro de visitantes florais. Floresce entre os meses de março e junho e frutifica entre abril e julho. É uma espécie quase ameaçada de extinção (IUCN) e ocorre em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea. Possui potencial madeireiro, indicada para confecção de móveis de luxo, folhas faqueadas decorativas, escultura, acabamento e revestimento interno (portas, esquadrias, forros, caixas, carpintaria, balcões, lambris, painéis, folheados, entalhes e torneados), também sendo utilizadas como lenha. É utilizada para aromatizar fumo, rapés e roupas. Usada como repelente, medicinal, em maceração com ou sem aguardente, são indicadas no tratamento de perturbações digestivas, cólicas intestinais e uterinas, coriza, afecções pulmonares, tosses, asma, bronquites e coqueluche. O banho com as cascas é empregado contra dores reumáticas.



Créditos: Luciano Pataro

Juazeiro

Ziziphus joazeiro Mart.

Possui porte arbóreo, podendo chegar a 16 metros de altura, com caule ereto ou tortuoso, com ramos armados de fortes espinhos. As folhas são simples, alternas; as flores são dispostas em inflorescências axilares (situado junto ao ponto inserção de uma folha ou um ramo), globosas, com pétalas amarelo-esverdeadas. Seus frutos são carnosos, adocicados do tipo drupa (fruto carnoso com apenas uma semente) e não se abrem naturalmente. É uma espécie pioneira, apresentando folhas o ano todo, pois possui amplo e profundo sistema de raízes capaz de coletar a pouca umidade existente no subsolo. São polinizadas por abelhas, dispersas principalmente por aves. Floresce entre setembro e fevereiro e frutifica entre junho e julho. É uma espécie endêmica da Caatinga e habitam ambientes de caatinga arbustivo-arbórea. Possui potencial alimentício, suas folhas são consumidas por animais e seus frutos muito apreciados pelo homem. Possui finalidades cosméticas, sendo utilizada na produção de shampoo anti-caspa e tônico capilar. As raspas da entrecasca servem de sabão e a casca é um excelente tônico capilar quando em infusão ou macerada, utilizada no combate a queda de cabelo. Apresenta uso medicinal, pois o extrato das cascas e das folhas é usado por via oral para alívio de problemas gástricos. A água armazenada serve para amaciar e clarear a pele do rosto. Sua madeira é utilizada na construção de ferramentas e cercas.



Créditos: Alexandre Barros

Jurema-vermelha

Mimosa opthalmocentra Mart. ex Benth

Arbusto, podendo chegar a 8 metros de altura, seu caule geralmente possui acúleos (semelhante a espinhos), as folhas são compostas de várias pequenas folhas, suas flores são dispostas em inflorescências terminais em espigas e as pétalas brancas. Seu fruto é seco e chamado de craspédio. A planta rebrota quando é cortada e suas folhas ficam verdes por mais tempo, sendo bem utilizada para o manejo da vegetação. Floresce entre novembro e junho e frutifica entre dezembro e agosto. É uma espécie endêmica da Caatinga e estão presentes na caatinga arbustivo-arbórea. Possui característica forrageira, suas folhas e vagens servem de alimento para caprinos e bovinos. São utilizadas como estacas e lenha e também possui uso medicinal no combate à gripe.



Créditos: Paulo Oliveira

Licuri

Syagrus coronata (Mart.) Becc.

Arvoreta que pode chegar a 10 metros de altura, o caule é ereto, coberto por bainhas que quando caem deixam cicatrizes. As folhas são grandes podendo ter 2-3 metros de comprimento, suas flores são dispostas em inflorescências em cachos, protegidas por uma estrutura lenhosa que protege o cacho, conhecida como cimba; as pétalas são amarelas, o fruto é do tipo drupa (fruto carnoso com apenas uma semente) com parte interna líquida quando verde e se torna sólida quando madura, dando origem a amêndoa. Ela é a principal fonte de alimento da arara-azul-de-lear (espécie ameaçada de extinção) e por este motivo é protegida contra o corte (INSTRUÇÃO NORMATIVA IBAMA 191/2008). Floresce e frutifica o ano todo, mas principalmente entre maio e agosto, e os frutos amadurecem por volta de outubro a dezembro. Ocorrem em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica do Brasil. Suas folhas são utilizadas na fabricação artesanal de sacolas, chapéus, vassouras, espanadores, entre outros. A amêndoa produz um óleo utilizado na culinária, similar ao óleo de coco, sendo também considerado o melhor óleo do país para a fabricação de sabão. A amêndoa é também utilizada na fabricação de doces como a cocada, de licores e do leite de licuri, especialidade da culinária baiana. Os resíduos da extração do óleo da amêndoa são empregados na alimentação animal.



Mandacaru

Cereus jamacaru DC.

Arvoreta, podendo chegar a 8 metros de altura, forma de candelabro, seu caule é ereto e colunar e dotados de muitos espinhos. Suas flores são grandes e com pétalas brancas, os frutos também são grandes, carnosos, de cor vermelha, com polpa branca e centenas de pequenas sementes pretas. Suas flores se abrem à noite e são polinizadas por mariposas. Floresce entre os meses de janeiro a abril, setembro, outubro e dezembro, e frutifica em fevereiro, abril, setembro, outubro e dezembro. Em muitas regiões do semiárido, é comum a associação da floração do mandacaru a chegada das chuvas, no entanto essa associação nem sempre pode ocorrer. Possui uso medicinal, usado no combate ao escorbuto e enfermidades do aparelho respiratório, infecções de rins, fígado, úlceras e problemas renais, sendo também antibacteriano. O mandacaru também serve como ração para os animais e seus frutos são muito apreciados pelo homem e pelos animais, além de possuir uso ornamental.

Créditos: Helen Ogasawara



Palmatória

Tacinga palmadora (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy

É um arbusto de cerca de 2 metros de altura; possui caule achatado e ramificado, com espinhos. Suas flores são solitárias e vermelhas, polinizadas por aves (beija-flores). Seus frutos globosos, carnosos, com casca vermelha, polpa translúcida com sementes. É frequente sobre substratos arenosos profundos. Floresce e frutifica na estação seca. É uma espécie endêmica da Caatinga ocorrendo na caatinga arbustivo-arbórea. Possui utilização como cercas vivas e como forragem para bovinos, caprinos e ovinos, além de serem ornamentais.

Créditos: Helen Ogasawara



Créditos: Daniel Araújo

Pau-de-colher

Maytenus rigida Mart.

É uma árvore, podendo chegar a 12 metros de altura, caule ereto, folhas simples, alternas, espiraladas de margem serreada. Suas flores são dispostas em inflorescências (conjunto de flores) axilares (situado junto ao ponto inserção de uma folha ou um ramo), com pétalas brancas esverdeadas. Seus frutos do tipo cápsula loculicida (que abre por meio de fendas laterais) simples, carnosos e sem pelos; as sementes são globosas, com gelatina branca e adocicada. Ocupa áreas muito secas das caatingas, de solo compacto ou cascalhento. Mantém a folhagem na época da estiagem, floresce e frutifica na estação seca. Habitam áreas de caatinga arbustivo-arbórea e é endêmica do Brasil. Possui potencial madeireiro, sendo utilizada na carpintaria e como lenha, tem uso medicinal, onde o macerado da entrecasca é usado contra as inflamações ovarianas e renais e nos problemas hepáticos, e a casca e a folhas são utilizadas contra espinhas.



Créditos: Luciano Pataro

Pau-ferro

Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz

Possui porte arbóreo, com 4-15 metros de altura, caule ereto, sem espinhos, com casca lisa e descamante, entrecasca verde. As folhas são alternas, compostas e pinadas, flores são dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo), pétalas amarelo-ouro. Fruto do tipo legume, comprimido e que se abre naturalmente. Espécie pioneira a secundária inicial, utilizada em recuperação de áreas degradadas, são polinizadas por abelhas e pequenos insetos e dispersam por conta própria ou pelos animais, como os besouros. Floresce nos meses de janeiro a março, frutifica de março a julho. Ocorre na caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. Tem potencial madeireiro, sendo utilizada em construções e cercas; as sementes apresentam uso medicinal no combate a dores nas articulações e a casca para alívio de dores em geral e suas folhas e vagens são utilizadas para forragem.



Créditos: Helen Ogasawara

Pinhão-leiteiro

Jatropha mollissima (Pohl) Baill. var. *mollissima*

Arvoreta, com cerca de 3 metros de altura. Com caule ereto, cilíndrico, latescente, casa lisa e dourada. As folhas são simples, lobadas (5 lobos), suas flores são dispostas em inflorescências terminais (no final do ramo) com flores masculinas avermelhadas e femininas amarelas. Seus frutos, quando verdes, possuem seis quinas e após secar, possuem abertura explosiva (explode liberando as três sementes). São polinizadas por abelhas sem ferrão *Trigona spinipes* (arapuá) e as abelhas da tribo Euglossini (*Eulaema nigrita*), floresce e frutifica na estação chuvosa. Ocorrem em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. É uma planta medicinal, seu látex e suas folhas têm efeito cicatrizante, usados em golpes e feridas, as folhas são antirreumáticas e o óleo extraído da semente tem uso veterinário, como purgante. É também empregado na fabricação de sabões, tintas, iluminação e como lubrificante e combustível (biodiesel). É também uma planta ornamental.



Créditos: Daniel Araújo

Quipá

Tacinga inamoena (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy

Possui porte arbustivo, com cerca de 2 metros de altura, caule achatado ramificados, com espinhos muito pequenos agrupados em tufo. Suas flores são solitárias, laranja-escuras, frutos globosos, carnosos, com casca laranja fosca, armados de espinhos. Cresce em solos empobrecidos de nutrientes, e prefere luz intensa, mas sobrevive a meia sombra. Floresce e frutifica ao final da estação seca e início da chuvosa. Ocorrem em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e também é uma espécie endêmica do Brasil. Seus frutos e caules servem para alimentação animal e humana em situações de escassez. Dos frutos podem ser feitos doces e geleias; são medicinais, utilizadas no tratamento da asma, inflamações e no combate a vermes.

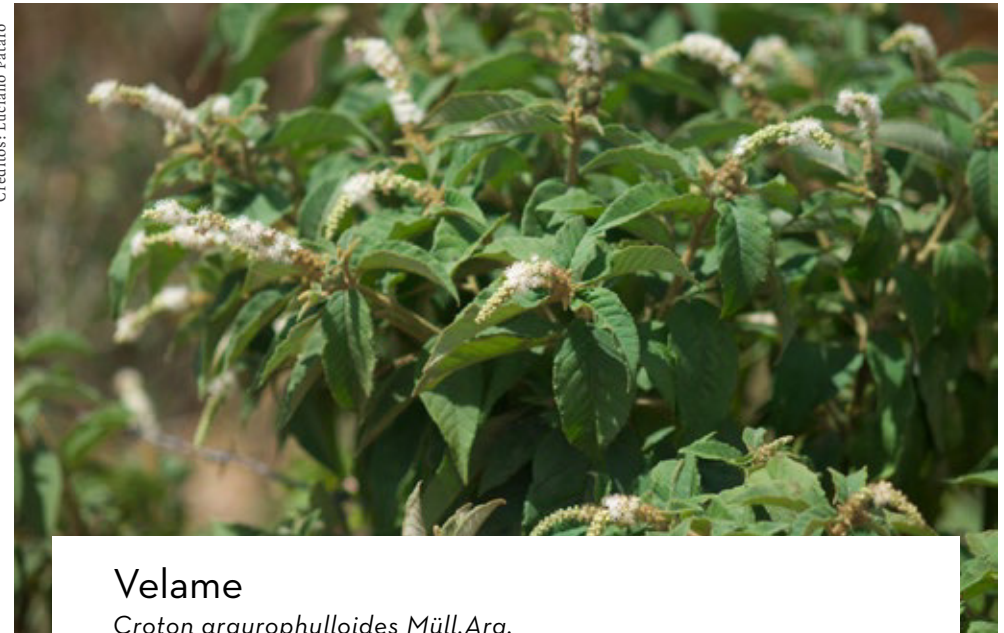


Créditos: Paulo Oliveira

Umbuzeiro

Spondias tuberosa Arruda

É uma árvore com 4-6 metros de altura que possui copa em forma de guarda-chuva, com caule geralmente ramificado, com casca áspera e rígida. As folhas são alternas, compostas de várias pequenas folhas, tornando-se avermelhadas na estação seca; as flores dispostas em inflorescências terminais são perfumadas e melíferas e com pétalas brancas. Seus frutos são carnosos, do tipo drupa (fruto carnoso com apenas uma semente), de casca verde e amarelo esverdeado, quando maduro possui uma polpa agridoce. Polinizadas por espécies de abelhas sem ferrão dos gêneros *Scaptotrigona* (abelha canudo), *Trigona* (arapuá) e *Friesomelitta* (marmelada, moça-branca). As suas raízes tuberosas (acumulo de nutrientes) são capazes de armazenar água o que permite ao umbuzeiro resistir a longos períodos de seca, ela perde totalmente suas folhas na estação seca e floresce logo após a primeira chuva. A frutificação ocorre cerca de 25 dias após a floração e 120 após a maturação. Habitam vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica do Brasil. Segundo o Projeto de Lei 3548/04 fica proibida a derrubada do umbuzeiro em todo o país. Seus frutos são muito apreciados pelo homem e são utilizados também na produção de doces, suas raízes, conhecidas como batatas-de-umbu ou cafofas, também são comestíveis. São utilizadas no paisagismo, pois fornece sombra.



Créditos: Luciano Pataro

Velame

Croton argyrophylloides Müll.Arg.

Arbusto com 1-2 metros de altura com caule cilíndrico, estreito, as folhas são alternas, simples; flores dispostas em inflorescências terminais e pétalas de cor creme. Seus frutos são do tipo com abertura explosiva. Floresce e frutifica principalmente de janeiro a maio e são visitadas por insetos como vespas, mariposas, moscas e principalmente as abelhas nativas. Ocorrem em vegetação de caatinga arbustivo-arbórea e é uma espécie endêmica da Bahia. Possui potencial medicinal, onde a casca do caule é utilizada para tratar cólicas intestinais, tuberculose, pneumonias, dor estomacal, diabetes, inflamação, distúrbios no trato gastrointestinal, micoses, antitumoral, anti-inflamatória, laxativa e antiespasmódica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J.R.G. Da S.; ARAÚJO, C. De S.; COSTA, Da M.P.; PACHECO, A.G.M. 2014. Atividade Antioxidante, Citotóxica e Antimicrobiana de *Annona vepretorum* MART. (ANNONACEAE). V Congresso Internacional & Encontro Brasileiro sobre Annonaceae: do gene à exportação. Botucatu-SP. v. 36, edição especial, p. 258-264.
- ARAÚJO, E.L.; FERRAZ, E.M.N. 2003. Processos ecológicos mantenedores da diversidade vegetal na Caatinga: estado atual do conhecimento. In: V.C. Sales (Org.). Ecosistemas brasileiros: manejo e conservação. Fortaleza: Expressão gráfica. p. 115-128.
- BARRETTO, S.S.B. 2012. Morfologia Vegetal de Espécies da Caatinga Como Subsídio Para Estudos de Regeneração Natural no Semiárido Sergipano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Universidade Federal de Sergipe. Mestrado. 99p.
- BRASIL. 1999. Desertificação: Caracterização e impactos. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.
- CARVALHO, P.E.R. 2003. Cumaru. Circular Técnica. Embrapa. ISSN 1517-5278. Colombo, PR Novembro.
- CARVALHO, P.E.R. 2007. Juazeiro *Ziziphus joazeiro*. Circular Técnica. Embrapa. ISSN 1517-5278. Colombo, PR Novembro.
- CARVALHO, P.E.R. 2009. Braúna-do-Sertão *Schinopsis brasiliensis*. Comunicado Técnico. Embrapa. ISSN 1517-5030 Colombo, PR Julho.
- CASTRO, A.S.; CAVALCANTE, A.M.B. 2010. Flores da Caatinga/Caatinga Flowers. Campina Grande: Insa.
- CERRATINGA - Produção sustentável e consumo consciente. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/coroadefrute/> Acesso em: 04 de maio de 2016.
- CESARIO, F.R.A.S.; MENEZES, I.R.A.; PINTO, N.B.; MARTINS, A.O.B.P.B. 2015. Efeitos do Óleo Essencial do *Croton Argyrophyllloides* nas Lesões Gástricas Induzidas por Etanol e Indometacina em Camundongos. Caderno de Cultura e Ciência, Ano IX, v. 13, n. 2.
- COSTA, J.A.S.; NUNES, T. S.; FERREIRA, A. P. L.; STRADMANN, M. T. S.; QUEIROZ, L. P. 2002. Leguminosas Forrageiras da Caatinga – espécies importantes para as comunidades rurais do sertão da Bahia. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, SASOP, 112 p.
- DRUMOND, M.A. 2007. Licuri *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. Documentos. Embrapa. ISSN 1808-9992. Petrolina, BA.
- Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 04 Mai. 2016.
- HURBATH, F. 2014. Euphorbiaceae na Serra Geral de Licínio de Almeida, Bahia, Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal da Universidade do Estado da Bahia. 103p.
- INOCENCIO, C.; RIVERA, D.; OBÓN, M.C; ALCARAZ, F.; BARRENA, J.A. 2006. A Systematic Revision of *Capparis* Section *Capparis* (Capparaceae). ANN. MISSOURI BOT. GARD. 93: 122-149.
- JUDD, W.S.; CAMPBELL, C.S.; KELLOG, E.A.; STEVENS, P.F.; DONOGHUE, M.J. 2009. Sistemática Vegetal: Um Enfoque Filogenético. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 612p.
- KIILL, L.H.P.. SANTOS, A.P.B.; MARTINS, C.T.V.D.; SILVA, N.B.G.Da; SILVA, T.A.Da 2012. Ecologia da polinização da cactácea *Arrojadoa rhodantha* em caatinga hiperxerófila. Sitientibus série Ciências Biológicas 12(2): 303-312.
- KOTOVSKI, E.R. 2013. Morfoanatomia Floral em *Allamanda* L. (Apocynaceae, Rauvolfioideae). Dissertação apresentada ao Instituto de Biologia. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. 144p.
- LIMA, S.C.De. 2009. Germinação de Sementes e Otimização de Técnicas de Micropropagação de Umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arr.) – Anacardiaceae. Dissertação de Mestrado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- LORENZI, H. 2009. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 2002. vol. 2, 2ª ed., Editora Instituto Plantarum, Nova Odessa, São Paulo. 94p.

- LORENZI, H.; SOUZA, H.M. 1995. Plantas ornamentais do Brasil: arbustivas, herbáceas e traseiras. São Paulo, Odessa. 635p.
- LUCENA, E.A.R.M.de. 2007. Fenologia, Biologia da Polinização e da Reprodução de *Pilosocereus* Byles & Rowley (Cactaceae) no Nordeste do Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Doutorado. 171p.
- MACHADO, M. *Euphorbia phosphorea* Mart. The largest growing succulent Brazilian *Euphorbia* species.
- MAIA-SILVA, C.; SILVA, C.I.Da; HRNCIR, M.; QUEIROZ, R.T.De; IMPERATRIZ-FONSECA, V.L.2012. Guia de plantas visitadas por abelhas na caatinga. 1. ed. Fortaleza. Editora Fundação Brasil Cidadão.
- MARTIUS, C.F.P. 1841-1860-1865. Flora Brasiliensis. Munique, Lipsiae.
- MELO, A.L.de; SALES, M.F.de. 2008. O gênero *Cnidioscolus* Pohl (Crotonoideae-Euphorbiaceae) no Estado de Pernambuco, Brasil. Acta bot. bras. 22(3): 806-827.
- MENEZES, M.O.T.De TAYLOR, N.P.; LOIOLA, M.I.B.2013. Flora do Ceará, Brasil: Cactaceae. Rodriguésia 64(4): 757-774.
- MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; ROBLES-GIL, P.; PILGRIM, J.; FONSECA, G.A.B. Da, et al. (EDS.)2002. Areas silvestres: Las ultimas regiones virgenes del mundo. Cemex: Mexico. 573p.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção. Portaria MMA Nº 443, de 17 de dezembro de 2014.
- NETO, R.L.S.; MAGALHÃES, F.A.L.; TABOSA, F.R.S.; MORO, M.F.; SILVA, M.B.C. et.al.2014. Flora do Ceará, Brasil: Capparaceae. Rodriguésia 65(3): 671-684.
- NETO, R.L.S.; JARDIM, J.G. 2015. Capparaceae no Rio Grande do Norte, Brasil. Rodriguésia 66(3): 847-857.
- OLIVEIRA, J.P.L.de. 2009. Ecologia de *Discocactus zehntneri* subsp. *boomianus* (Cactaceae) em Afloramento Rochoso do Semi-Árido Baiano (Brasil). Dissertação apresentada ao Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia. 91p.
- PEREIRA, F.L.de.R.; QUIRINO, Z.G.M. 2008. Fenologia e Biologia Floral de *Neoglaziovia variegata* (Bromeliaceae) na Caatinga Paraibana. Rodriguésia 59(4): 835-844.
- PORTAL, R.K.V.P.; LAMEIRA, O.A.; ASSIS, R.M.A. De; BARBOSA, S.M.2014. Avaliação dos Aspectos Fenológicos da Espécie *Cereus jamacaru* L. 18º Seminário de Iniciação Científica e 2º Seminário de Pós-graduação da Embrapa Amazônia Oriental. Belém-PA.
- PRADO, D.E. 2003. As Caatingas da América do Sul. Pp. 3-73. In: I. R. Leal, M. Tabarelli & J. M. C. Silva (Eds.) Ecologia e Conservação da Caatinga. Editora Universitária da UFPE: Recife.
- QUEIROZ, L.P.; RAPINI, A.; GIULIETTI, A.M. 2006. Towards greater knowledge of the Brazilian Semi-arid biodiversity. Brasília: MCT, 142p.
- QUEIROZ, L.P. 2009. Leguminosas da Caatinga. 1. ed. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 1, 443p.
- RODAL, M.J.N.; SAMPAIO, E.V.S.B. 2002. A vegetação do bioma Caatinga. In: Sampaio, E.V.S.B.; Giulietti, A.M.; Virgínio, J. & Gamarra-Rojas, C.F.L. (Eds.). Vegetação e flora da Caatinga. Recife: APNE/CNIP. p. 11-24.
- SAKANE, M. 1981. Revisão do gênero *Allamanda* L. (Apocynaceae) no Brasil. Dissertação apresentada ao Instituto de Biologia. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. 107p.
- SANTOS, J.C.; LEAL, I.R.; ALMEIDA-CORTEZ, J.S.; FERNANDES, G.W. & TABARELLI, M. 2011. Caatinga: The scientific negligence experienced by a dry tropical Forest. Tropical Conservation Science, 4. p. 276-286.
- SILVEIRA, D.G. 2009. Micropropagação e Variabilidade Genética de Populações Naturais de Caroá [*Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez]. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutorado. Feira de Santana, 172p.
- SOBRINHO, J.G.de C. 2006. O gênero *Pseudobombax* Dugand (Malvaceae s.l., Bombacoideae) no Estado da Bahia, Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestrado. 155p.
- SPLINK. Disponível em: <http://splink.cria.org.br/>. Acesso em: 04 de maio de 2016.
- ZAPPI, D.; TAYLOR, N. 2008. Fitofisionomia da Caatinga associada à Cadeia do Espinhaço. Megadiversidade. 4. 1-2 .139-144p.

LISTA DE ESPÉCIES NA ÁREA DA VANÁDIO DE MARACÁS

Espécies registradas na área do empreendimento Vanádio de Maracás, em Maracás, Bahia.

LEGENDA – Status de Conservação

NA – Não Avaliada;

DD – Dados Insuficientes;

LC – Pouco Preocupante;

VU – Vulnerável;

NT – Quase Ameaçado;

EN – Em Perigo;

PROT – Espécie Protegida.

Segundo as listas: Lista Vermelha de Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção - MMA, 2014 e lista Vermelha da União Mundial para Conservação da Natureza - IUCN, 2016; Segundo as Legislação: IBAMA 191/2008; CEPRAM 1.009 de 06/12/1994 e Projeto de Lei 3548/04.

ANFÍBIOS			
TÁXON	NOME POPULAR	ENDEMISMO NA CAATINGA	STATUS DE CONSERVAÇÃO
ANURA			
Bufonidae			
Rhinella granulosa (Spix, 1824)	Cururuzinho	-	-
Rhinella jimi (Stevaux, 2002)	Sapo-cururu	-	-
Hylidae			
Corythomantis greeningi Boulenger, 1896	Perereca-de-capacete	-	-
Hypsiboas crepitans (Wied-Neuwied, 1824)	Perereca	-	-
Hypsiboas faber (Wied-Neuwied, 1821)	Sapo-martelo	-	-
Dendropsophus novaisi (Bokermann, 1968)	Perereca	X	DD
Pithecopus nordestinus (Caramaschi, 2006)	Perereca-verde	-	DD
Scinax camposseabrai (Bokermann, 1968)	Perereca	X	DD
Scinax pachycrus (Miranda-Ribeiro, 1937)	Perereca	X	-
Scinax x-signatus (Spix, 1824)	Perereca	-	-
Trachycephalus atlas Bokermann, 1966	Perereca-de-capacete	-	-
Leptodactylidae			
Leptodactylus caatingae Heyer & Juncá, 2003	Caçote	-	-
Leptodactylus fuscus (Schneider, 1799)	Caçote	-	-
Leptodactylus macrosternum Miranda-Ribeiro, 1926	Rã-manteiga	-	-
Leptodactylus troglodytes Lutz, 1926	Caçote	-	-
Leptodactylus vastus Lutz, 1930	Rã-pimenta	-	-
Physalaemus albifrons (Spix, 1824)	Caçote	-	-
Physalaemus cicada Bokermann, 1966	Caçote	-	-
Physalaemus kroyeri (Reinhardt and Lütken, 1862)	Caçote	-	-
Pleurodema diplolister (Peters, 1870)	Caçote	-	-
Microhylidae			
Dermatonotus muelleri (Boettger, 1885)		-	-
Odontophrynidae			
Proceratophrys cristiceps (Müller, 1883)		-	-

RÉPTEIS			
TÁXON	NOME POPULAR	ENDEMISMO NA CAATINGA	STATUS DE CONSERVAÇÃO
AMPHISBAENIA			
Amphisbaenidae			
Amphisbaena vermicularis	cobra de duas cabeças	-	LC
Leposternon polystegum	cobra de duas cabeças	-	LC
LAGARTOS			
Gekkonidae			
Hemidactylus brasiliensis	Bribe de rabo grosso	-	NA
Lygodactylus klugei	Bribinha de pau	-	NA
Gymnophthalmidae			
Acratosaura mentalis	Lagartinho de areia	-	
Vanzosaura multiscutata	Calanguinho do rabo vermelho	-	
Mabuyidae			
Brasiliscincus heathi	Bribe brilhante	-	NA
Teiidae			
Ameiva ameiva	Calango verde	-	NA
Ameivula ocellifera	Calanguinho	-	NA
Salvator merianae	Teiu	-	LC
Phyllodactylidae			
Gymnodactylus geckoides	Bribe de folhicho	-	NA
Phyllopezus pollicaris	Bribe grande	-	NA
Polychrotidae			
Polychrus acutirostris	Papa vento cinza	-	NA
Tropiduridae			
Tropidurus hispidus	Carambolo	-	NA

SERPENTES			
Leptotyphlopidae			
Epictia borapeliotes	Cobra da terra	-	NA
Boidae			
Boa constrictor	Jiboia	-	NA
Epicrates assisi	Salamanta	-	NA
Dipsadidae			
Atractus potschi	Cobra da terra	-	NA
Boiruna sertaneja	Mussurana	-	NA
Leptodeira annulata	Dormideira	-	NA
Oxyrhopus trigeminus	Coral falsa	-	NA
Philodryas nattereri	Corredeira	-	NA
Pseudoboa nigra	Cobra preta	-	NA
Thamnodynastes sp.	Jararaquinha	-	NA
Colubridae			
Leptophis ahaetulla	Cobra cipó	-	NA
Spilotes pullatus	Caninana	-	NA
Viperidae			
Bothrops erythromelas	Jararaca da seca	-	LC
Crotalus durissus	Cascavel	-	LC
Elapidae			
Micrurus ibiboboca	Coral verdadeira	-	NA
TESTUDINES			
Chelidae			
Mesoclemmys tuberculata	Cágado d'água cabeça de cobra	-	NA
Testudinidae			
Chelonoidis carbonarius	Jabuti	-	NA

AVES			
TÁXON	NOME POPULAR	ENDEMISMO	AMEAÇA
TINAMIFORMES			
Tinamidae			
Crypturellus zabele	zabelê	-	NT (IUCN), VU (MMA)
Crypturellus parvirostris	nhambú	-	LC
Crypturellus tataupa	nhambú-chintã	-	LC
Nothura boraquira	codorna-do-nordeste	-	LC
Nothura maculosa	codorna-amarela	-	LC
ANSERIFORMES			
Anatidae			
Dendrocygna viduata	irerê	-	LC
Sarkidiornis sylvicola	pato-de-crista	-	LC
Amazonetta brasiliensis	pé-vermelho	-	LC
Nomonyx dominica	marreca-de-bico-roxo	-	LC
Anas bahamensis	marreca-toicinho	-	LC
GALLIFORMES			
Cracidae			
Penelope supercilialis	jacupemba	-	LC
Penelope jacucaca	jacucaca	X	VU (MMA, IUCN)
PODICIPEDIFORMES			
Podicipedidae			
Tachybaptus dominicus	mergulhão-pequeno	-	LC
Podilymbus podiceps	mergulhão-caçador	-	LC
SULIFORMES			
Phalacrocoracidae			
Phalacrocorax brasilianus	biguá	-	LC

PELECANIFORMES			
Ardeidae			
Tigrisoma lineatum	socó-boi	-	LC
Cochlearius cochlearius	arapapá	-	LC
Nycticorax nycticorax	savacu	-	LC
Butorides striata	socozinho	-	LC
Bubulcus ibis	garça-vaqueira	-	LC
Ardea alba	garça-branca-grande	-	LC
Pilherodius pileatus	garça-real	-	LC
Egretta thula	garça-branca-pequena	-	LC
CATHARTIFORMES			
Cathartidae			
Cathartes aura	urubu-de-cabeça-vermelha	-	LC
Cathartes burrovianus	urubu-de-cabeça-amarela	-	LC
Coragyps atratus	urubu-de-cabeça-preta	-	LC
ACCIPITRIFORMES			
Pandionidae			
Pandion haliaetus	águia-pescadora	-	LC
Accipitridae			
Accipiter striatus erythronemius	gavião-miúdo	-	LC
Gampsonyx swainsonii	gaviãozinho	-	LC
Elanus leucurus	gavião-peneira	-	LC
Rostrhamus sociabilis	gavião-caramujeiro	-	LC
Geranoospiza caerulea	gavião-pernilongo	-	LC
Heterospizias meridionalis	gavião-caboclo	-	LC
Rupornis magnirostris	gavião-carijó	-	LC
Parabuteo unicinctus	gavião-asa-de-telha	-	LC
Geranoaetus albicaudatus	gavião-de-rabo-branco	-	LC
Geranoaetus melanoleucus	águia-chilena	-	LC
Buteo albonotatus	gavião-de-rabo-barrado	-	LC

GRUIFORMES			
Aramidae			
Aramus guarauna	charão	-	LC
Rallidae			
Pardirallus nigricans	saracura-sanã	-	LC
Gallinula galeata	frango-d'água-comum	-	LC
Porphyrio martinicus	frango-d'água-azul	-	LC
CHARADRIIFORMES			
Charadriidae			
Vanellus cayanus	mexeriqueira	-	LC
Vanellus chilensis	quero-quero	-	LC
Recurvirostridae			
Himantopus mexicanus	pernilongo	-	LC
Scolopacidae			
Tringa flavipes	maçarico-de-perna-amarela	-	LC
Tringa solitaria	maçarico-solitário	-	LC
Jacanidae			
Jacana jacana	jaçanã	-	LC
COLUMBIFORMES			
Columbidae			
Columbina minuta	rolinha-de-asa-canela	-	LC
Columbina talpacoti	rolinha-caldo-de-feijão	-	LC
Columbina squammata	fogo-apagou	-	LC
Columbina picui	rolinha-picui	-	LC
Columba livia	pombo-doméstico	-	LC
Patagioenas picazuro	pombão	-	LC
Patagioenas cayennensis	pomba-galega	-	LC
Zenaidura macroura	pomba-de-bando	-	LC
Claravis pretiosa	pararu-azul	-	LC
Leptotila verreauxi	juriti-pupu	-	LC

CUCULIFORMES			
Cuculidae			
Piaya cayana	alma-de-gato	-	LC
Coccyzus melacoryphus	papa-lagarta-acanelado	-	LC
Coccyzus euleri	papa-lagarta-de-euleri	-	LC
Crotophaga ani	anu-preto	-	LC
Guira guira	anu-branco	-	LC
Tapera naevia	saci	-	LC
STRIGIFORMES			
Tytonidae			
Tyto furcata	coruja-da-igreja	-	LC
Strigidae			
Megascops choliba	corujinha-do-mato	-	LC
Glaucidium brasilianum	caburé	-	LC
Athene cunicularia	coruja-buraqueira	-	LC
NYCTIBIFORMES			
Nyctibiidae			
Nyctibius griseus	mãe-da-lua	-	LC
CAPRIMULGIFORMES			
Caprimulgidae			
Antrostomus rufus	joão-corta-pau	-	LC
Hydropsalis albicollis	bacurau	-	LC
Hydropsalis parvula	bacurau-chintã	-	LC
Hydropsalis torquata	bacurau-tesoura	-	LC
Chordeiles pusillus	bacurauzinho	-	LC

APODIFORMES			
Apodidae			
Streptoprocne biscutata	taperuçu-de-coleira-falha	-	LC
Streptoprocne zonaris	taperuçu-de-coleira-branca	-	LC
Trochilidae			
Anopetia gounellei	beija-flor-de-cauda-larga	X	LC
Eupetomena macroura	beija-flor-tesoura	-	LC
Anthracothorax nigricollis	beija-flor-de-veste-preta	-	LC
Chrysolampis mosquitus	beija-flor-vermelho	-	LC
Chlorostilbon lucidus	besourinho-de-bico-vermelho	-	LC
Amazilia fimbriata	beija-flor-de-banda-branca	-	LC
Amazilia lactea	beija-flor-de-peito-azul	-	LC
Calliphlox amethystina	estrelinha-ametista	-	LC
Heliactin bilophus	chifre-de-ouro	-	LC
Heliomaster squamosus	bico-reto-de-banda-branca	-	LC
TROGONIFORMES			
Trogonidae			
Trogon curucui	surucuá-de-barriga-vermelha	-	LC
CORACIIFORMES			
Alcedinidae			
Megaceryle torquata	martim-pescador-grande	-	LC
Chloroceryle amazona	martim-pescador-verde	-	LC
GALBULIFORMES			
Galbulidae			
Galbula ruficauda	ariramba-de-cauda-ruiva	-	LC
Bucconidae			
Nystalus maculatus	rapazinho-dos-velhos	-	LC

PICIFORMES			
Picidae			
Picumnus pygmaeus	pica-pau-anão-pintado	X	LC
Melanerpes candidus	birro, pica-pau-branco	-	LC
Veniliornis passerinus	picapauzinho-anão	-	LC
Piculus chrysochloros	pica-pau-dourado-escuro	-	LC
Colaptes melanochloros	pica-pau-verde-barrado	-	LC
Colaptes campestris	pica-pau-do-campo	-	LC
Celeus ochraceus	pica-pau-ocráceo	-	LC
Dryocopus lineatus	pica-pau-de-banda-branca	-	LC
Campephilus melanoleucos	pica-pau-de-topete-vermelho	-	LC
CARIAMIFORMES			
Cariamidae			
Cariama cristata	seriema	-	LC
FALCONIFORMES			
Falconidae			
Caracara plancus	caracará	-	LC
Milvago chimachima	carrapateiro	-	LC
Herpetotheres cachinnans	acauã	-	LC
Falco sparverius	quiriquiri	-	LC
Falco femoralis	falcão-de-coleira	-	LC
PSITTACIFORMES			
Psittacidae			
Primolius maracana	maracanã-verdadeira	-	LC
Thectocercus acuticaudatus	periquito-de-testa-azul	-	LC
Eupsittula cactorum	periquito-da-caatinga	X	LC
Forpus xanthopterygius	cuibinha	-	LC
Amazona aestiva	papagaio-verdadeiro	-	LC

PASSERIFORMES			
Thamnophilidae			
Myrmorchilus strigilatus	piu-piu	-	LC
Formicivora melanogaster	formigueiro-de-barriga-preta	-	LC
Herpsilochmus sellowi	chorozinho-da-caatinga	X	NT (IUCN)
Sakesphorus cristatus	choca-do-nordeste	X	LC
Thamnophilus capistratus	choca-barrada-do-nordeste	X	LC
Thamnophilus torquatus	choca-de-asa-vermelha	-	LC
Thamnophilus pelzelni	choca-do-planalto	-	LC
Taraba major	choró-boi	-	LC
Grallariidae			
Hylopezus ochroleucus	torom-do-nordeste	X	NT (IUCN)
Dendrocolaptidae			
Sittasomus griseicapillus	arapaçu-verde	-	LC
Xiphorhynchus fuscus	arapaçu-rajado	-	LC
Lepidocolaptes angustirostris	arapaçu-de-cerrado	-	LC
Furnariidae			
Certhiaxis cinnamomeus	curutié	-	LC
Furnarius figulus	casaca-de-couro-da-lama	-	LC
Furnarius leucopus	casaca-de-couro-amarelo	-	LC
Furnarius rufus	joão-de-barro	-	LC
Megaxenops parnaguai	bico-virado-da-caatinga	X	LC
Pseudoseisura cristata	casaca-de-couro	X	LC
Phacelodomus rufifrons	joão-de-pau	-	LC
Synallaxis albescens	uí-pi	-	LC
Synallaxis hellmayri	joão-chique-chique	X	NT (IUCN)
Synallaxis frontalis	petrim	-	LC
Tityridae			
Xenopsaris albinucha	tijerila	-	LC
Pachyramphus polychopterus	caneleiro-preto	-	LC
Pachyramphus viridis	caneleiro-verde	-	LC
Pachyramphus validus	caneleiro-de-chapéu-preto	-	LC

Rhynchocyclidae			
Tolmomyias flaviventris	bico-chato-amarelo	-	LC
Tolmomyias sulphureus	bivo-chato-de-orelha-preta	-	LC
Todirostrum cinereum	ferreirinho-relógio	-	LC
Hemitriccus margaritaceiventer	sebinho-de-olho-de-ouro	-	LC
Tyrannidae			
Stigmatura napensis	papa-moscas-do-sertão	-	LC
Euscarthmus meloryphus	barulhento	-	LC
Camptostoma obsoletum	risadinha	-	LC
Elaenia flavogaster	guaracava-de-barriga-amarela	-	LC
Elaenia spectabilis	guaracava-grande	-	LC
Elaenia chiriquensis	chibum	-	LC
Elaenia chilensis	guaracava-de-crista-branca	-	LC
Elaenia cristata	guaracava-de-topete-uniforme	-	LC
Suiriri suiriri	suiriri-cinzento	-	LC
Myiopagis viridicata	guaracava-de-crista-alaranjada	-	LC
Phaeomyias murina	bagageiro	-	LC
Phyllomyias fasciatus	piolhinho	-	LC
Serpophaga subcristata	alegrinho	-	LC
Myiarchus swainsoni	irré	-	LC
Myiarchus ferrox	maria-cavaleira	-	LC
Myiarchus tyrannulus	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	-	LC
Casiornis fuscus	caneleiro-enxofre	-	LC
Pitangus sulphuratus	bem-te-vi	-	LC
Machetornis rixosa	suiriri-cavaleiro	-	LC
Myiodynastes maculatus	bem-te-vi-rajado	-	LC
Megarynchus pitangua	neinei	-	LC
Myiozetetes similis	bentevizinho	-	LC
Tyrannus melancholicus	suiriri	-	LC
Tyrannus savana	tesourinha	-	LC
Empidonomus varius	peitica	-	LC
Legatus leucophaius	bem-te-vi-pirata	-	LC
Griseotyrannus aurantioatrocristatus	peitica-de-chapéu-preto	-	LC

Myiophobus fasciatus	filipe	-	LC
Sublegatus modestus	guaracava-modesta	-	LC
Fluvicola albiventer	lavadeira-de-cara-branca	-	LC
Fluvicola nengeta	lavadeira-mascarada	-	LC
Arundinicola leucocephala	freirinha	-	LC
Hirundinea ferruginea	gibão-de-couro	-	LC
Cnemotriccus fuscatus	guaracavuçu	-	LC
Satrapa icterophrys	suiriri-pequeno	-	LC
Xolmis irupero	noivinha	-	LC
Vireonidae			
Cyclarhis gujanensis	pitiguari	-	LC
Vireo olivaceus	juruvira-boreal	-	LC
Hylophilus amaurocephalus	vite-vite-de-olho-cinza	-	LC
Corvidae			
Cyanocorax cyanopogon	gralha-cancã	X	LC
Hirundinidae			
Stelgidopteryx ruficollis	andorinha-serradora	-	LC
Progne tapera	andorinha-do-campo	-	LC
Pygochelidon cyanoleuca	andorinha-pequena-de-casa	-	LC
Tachycineta albiventer	andorinha-do-rio	-	LC
Troglodytidae			
Troglodytes musculus	corruíra	-	LC
Cantorchilus longirostris	garrinchão-de-bico-grande	X	LC
Poliptilidae			
Poliptila plumbea	balança-rabo-de-chapéu	-	LC
Turdidae			
Turdus leucomelas	sabiá-barranco	-	LC
Turdus rufiventris	sabiá-laranjeira	-	LC
Turdus amaurochalinus	sabiá-poca	-	LC
Mimidae			
Mimus saturninus	sabiá-do-campo	-	LC
Passerellidae			
Zonotrichia capensis	tico-tico	-	LC
Ammodramus humeralis	tico-tico-do-campo	-	LC
Parulidae			
Setophaga pitiayumi	mariquita	-	LC

Icteridae			
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro	-	LC
<i>Icterus jamacaii</i>	sofrê	X	LC
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	-	LC
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi	-	LC
<i>Agelaioides fringillarius</i>	asa-de-telha	X	LC
<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta	-	LC
<i>Sturnella superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul	-	LC
Thraupidae			
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	-	LC
<i>Saltatricula atricollis</i>	bico-de-pimenta	X	LC
<i>Compothraupis loricata</i>	tie-caburé	-	LC
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	-	LC
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário	-	LC
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	-	LC
<i>Lanio pileatus</i>	tico-tico-rei-cinza	-	LC
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaçu-cinzento	-	LC
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal	X	LC
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	-	LC
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	-	LC
<i>Sicalis luteola</i>	tipio	-	LC
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	-	LC
<i>Sporophila nigricollis</i>	papa-capim	-	LC
<i>Sporophila albogularis</i>	coleirinha	X	LC
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	-	LC
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	-	LC
Motacillidae			
<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor	-	LC
Cardinalidae			
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	-	LC
Fringillidae			
<i>Sporagra yarrellii</i>	pintassilgo	X	VU (MMA, IUCN)
<i>Euphonia chlorotica</i>	guriatã	-	LC
Passeridae			
<i>Passer domesticus</i>	pardal	-	LC

MAMÍFEROS			
TÁXON	NOME POPULAR	ENDEMISMO DA CAATINGA	STATUS DE CONSERVAÇÃO
DIDELPHIMORPHIA			
Didelphidae			
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca	-	LC
<i>Marmosa cf. murina</i>	Cuíca	-	LC
<i>Didelphis albiventris</i>	Saruê	-	LC
CINGULATA			
Dasyopodidae			
<i>Dasyopus novemcinctus</i>	tatu	-	LC
PILOSA			
Myrmecophagidae			
<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá	-	LC
PRIMATES			
Cebidae			
<i>Callithrix penicillata</i>	suim	-	LC
RODENTIA			
Cricetidae			
<i>Akodon cursor</i>	rato	-	LC
<i>Calomys cf. expulsus</i>	rato-calunga	-	LC
<i>Oligoryzomys cf. fornesi</i>	rato	-	LC
<i>Oecomys cf. catherinae</i>	rato	-	LC
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i>	rato-do-nariz-laranja	X	LC
Echimyidae			
<i>Thrichomys apereoides</i>	rabudo	-	LC
Caviidae			
<i>Galea spixii</i>	preá	-	LC
LAGOMORPHA			
Leporidae			
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	coelho	-	LC

CARNIVORA			
Felidae			
Leopardus tigrinus	gato-momoninha	-	VU (IUCN), EN (MMA)
Leopardus pardalis	jaguaririca	-	LC
Puma concolor	suçuarana	-	VU (MMA, IUCN)
Puma yagouaroundi	gato-soim	-	VU (MMA, IUCN)
Canidae			
Cerdocyon thous	raposa	-	LC
Mustelidae			
Galictis cuja	furão	-	LC
Mephitidae			
Conepatus semistriatus	gambá-verdadeiro	-	LC
Procyonidae			
Procyon cancrivorus	guará	-	LC
ARTIODACTYLA			
Cervidae			
Mazama gouazoubira	veado-catingueiro	-	LC

FLORA			
TÁXON	NOME POPULAR	ENDEMISMO DA CAATINGA	STATUS DE CONSERVAÇÃO
LAMIALES			
Acanthaceae			
Ruellia asperula (Mart. ex Ness) Lindau		X	NA
Bignoniaceae			
Fridericia parviflora (Mart. ex DC.) L.G.Lohmann		-	NA
Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	caráiba	-	NA
Lamiaceae			
Eriope hypenioides Mart. ex Benth.		-	NA
Leonotis nepetafolia R. Br.		-	NA
Ocimum americanum L.	manjeriço-folha-úmida	-	NA
Ocimum campechianum Miell.	manjeriço	-	NA
Rhaophiodon echinus Schauer	betonca	-	NA
Verbenaceae			
Lantana caatingensis Moldenke	alecrim-de-burro	-	NA
Lantana fucata Lindl.		-	NA
Lantana pohliana Schauer	candeia	-	NA
Lippia alba (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson		-	NA
Stachytarpheta coccinea Schauer		-	NA
Stachytarpheta microphylla Walp.		X	NA
Stachytarpheta quadrangula Nees & Mart.		X	NA
Stachytarpheta trispicata Nees & Mart.	chumbinho	X	NA
Plantaginaceae			
Stemodia maritima L.	fumo-bravo	-	NA

ALISMATALES			
Alismataceae			
Echinodorus glandulosus Rataj	chapéu-de-couro	X	NA
CARYOPHYLLALES			
Amaranthaceae			
Alternanthera tenella Colla		-	IUCN (LC)
Nyctaginaceae			
Boerhavia coccinea Mill.	pega-pinto	-	NA
Cactaceae			
Arrojadoa penicillata (Gürke) Britton & Rose	facheiro	X	IUCN (LC)
Cereus jamacaru DC.	mandacaru	-	IUCN (LC)
Melocactus bahiensis (Britton & Rose) Luetzelb.	cabeça-de-frade	-	IUCN (LC)
Pereskia bahiensis Gürke	quiabento	X	IUCN (LC)
Pilosocereus pachycladus F.Ritter	facheiro	-	NA
Tacinga inamoena (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy	quipá	-	IUCN (LC)
Tacinga palmadora (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy	palmatória	X	IUCN (LC)
Plumbaginaceae			
Plumbago scandens L.		-	NA
Polygonaceae			
Coccoloba schwackeana Lindau	caçu	X	NA
Coccoloba striata Benth.	carne-de-vaca	-	NA
Portulacaceae			
Portulaca halimoides L.		-	IUCN (LC)
Portulaca oleracea L.		-	NA

SAPINDALES			
Anacardiaceae			
Cyrtocarpa caatingae J.D.Mitch. & Daly	canjirana	-	IUCN (LC)
Myracrodruon urundeuva Fr. All.	aroeira	-	IUCN (LC); CEPRAM 1.009 de 06/12/1994 (PROT)
Schinopsis brasiliensis Engl.	baraúna	-	CEPRAM 1.009 de 06/12/1994 (PROT)
Spondias tuberosa Arruda	umbuzeiro	-	Projeto de Lei 3548/04 (PROT)
Burseraceae			
Commiphora leptophloeos (Mart.) J.B.Gillett	umburana-vaqueira	-	NA
Sapindaceae			
Serjania marginata Casar.	cipó-tingui	-	NA
MAGNOLIALES			
Annonaceae			
Annona vepretorum Mart.	araticum	-	NA
GENTIANALES			
Apocynaceae			
Allamanda puberula A.DC.	alamanda	-	NA
Aspidosperma polyneuron Müll.Arg.	pereira	-	IUCN (NT)
Aspidosperma pyriforme Mart.	pereiro	-	NA
Calotropis procera (Aiton) W.T.Aiton	algodão-de-seda	-	NA
Rubiaceae			
Richardia grandiflora (Cham. & Schltdl.) Steud.		-	NA
ARECALES			
Arecaceae			
Syagrus coronata (Mart.) Becc.	licuri	-	IN IBAMA 191/2008 (PROT)
Syagrus vagans (Bondar) A.D.Hawkes	licurioba	X	NA
ASTERALES			
Asteraceae			
Lepidaploa chalybaea (Mart. ex DC.) H.Rob.		-	NA
Tridax procumbens L.		-	NA

BORAGINALES			
Boraginaceae			
<i>Cordia incognita</i> Gottschling & J.S.Mill.	sete-cascas-de-facho	X	NA
<i>Euploca procumbens</i> (Mill.) Diane & Hilger		-	NA
<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I.M.Johnst.		-	NA
<i>Varronia leucocephala</i> (Moric.) J.S.Mill.	rosa-branca	X	NA
POALES			
Bromeliaceae			
<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	macambira	X	NA
<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez	croá	X	NA
<i>Tillandsia loliacea</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.		-	NA
Cyperaceae			
<i>Eleocharis interstincta</i> (Vahl) Roem ex Schult		-	NA
<i>Fimbristylis cymosa</i> R.Br.		-	NA
Poaceae			
<i>Axonopus aureus</i> P. Beauv.		-	IUCN (LC)
<i>Cenchrus ciliaris</i> L.	capim-búfalo	-	NA
<i>Chloris barbata</i> Sw.		-	NA
<i>Eragrostis bahiensis</i> Schrad. ex Schult.	capim-nativo	-	NA
ROSALES			
Cannabaceae			
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	juá-mirim	-	NA
Moraceae			
<i>Ficus calyptroceras</i> (Miq.) Miq.	gameleira	-	IUCN (LC)
Rhamnaceae			
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	X	NA
BRASSICALES			
Capparaceae			
<i>Colicodendron yco</i> Mart.	icó-peludo	X	NA
<i>Neocalyptocalyx longifolium</i> (Mart.) Cornejo & Iltis	icó-liso	X	NA
Cleomaceae			
<i>Physostemon guianense</i> (Aubl.) Malme		-	NA

CELASTRALES			
Celastraceae			
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	pau-de-colher	-	NA
MYRTALES			
Combretaceae			
<i>Combretum glaucocarpum</i> Mart.	vaqueta	-	NA
Myrtaceae			
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	-	NA
Onagraceae			
<i>Ludwigia erecta</i> (L.) H.Hara		-	NA
SOLANALES			
Convolvulaceae			
<i>Evolvulus glomeratus</i> Nees & Mart.	sete-sangria	-	NA
<i>Ipomoea brasiliana</i> (Choisy) Meisn.	salsa	-	NA
<i>Merremia cissoides</i> (Lam.) Hallier f.		-	NA
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	jalapa	-	IUCN (LC)
MALPIGHIALES			
Euphorbiaceae			
<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl	favela	X	NA
<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	cansação	X	NA
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	cansação	-	NA
<i>Croton argyrophylloides</i> Müll.Arg.	velame	X	NA
<i>Croton campestris</i> A. S.-Hil.	velame-branco	-	NA
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	velame	-	NA
<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	santa-luzia	-	NA
<i>Euphorbia phosphorea</i> Mart.	cunanã	X	NA
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill. var. mollissima	pinhão-leiteiro	-	NA
<i>Jatropha mutabilis</i> (Pohl) Baill.	pinhão-manso	-	NA
<i>Manihot carthaginensis</i> subsp. glaziovii (Müll.Arg.) Allem	borracha	-	NA
Malpighiaceae			
<i>Amorimia rigida</i> (A.Juss.) W.R.Anderson		-	NA
<i>Heteropterys trichanthera</i> A.Juss.		X	NA
<i>Ptilochaeta bahiensis</i> Turcz.	pau-de-vidro	-	NA
<i>Ptilochaeta glabra</i> Nied.		-	NA
<i>Stigmaphyllon paralias</i> A.Juss.		-	NA

FABALES			
Fabaceae			
Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.	umburana-de-cheiro	-	IUCN (NT)
Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan	angico	-	NA
Aeschynomene martii Benth.	calumbi	X	NA
Bauhinia catingae Harms	pé-de-cabra	-	NA
Calliandra depauperata Benth.	rasga-gibão	X	NA
Centrosema brasilianum (L.) Benth.		-	NA
Centrosema pubescens Benth.		-	IUCN (LC)
Centrosema virginianum (L.) Benth.		-	NA
Chamaecrista rotundifolia (Pers.) Greene		-	NA
Chloroleucon foliolosum (Benth.) G.P.Lewis,	tatarena	-	NA
Coursetia rostrata Benth.	anduzinho	X	NA
Crotalaria incana L.	mascaveleira	-	NA
Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong	orelha-de-macaco	-	NA
Erythrina velutina Willd.	mulungu	-	NA
Erythrostemon calycina (Benth.) L.P.Queiroz		X	NA
Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit	leucena	-	NA
Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	pau-ferro	-	NA
Macroptilium bracteatum (Nees & Mart.) Maréchal & Baudet	orelha-de-coelho	-	NA
Mimosa ophthalmocentra Mart. ex Benth.	jurema-vermelha	X	NA
Mimosa pudica L.	fecha-porta-maria	-	NA
Mimosa tenuiflora (Willd.) Poir.	jurema	-	NA
Parapiptadenia zehntneri (Harms) M.P.Lima & H.C.Lima	angico-fava	X	NA
Peltogyne pauciflora Benth.	bureanhé	-	NA
Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.	munzê	-	NA
Piptadenia stipulacea (Benth.) Ducke		X	NA
Piptadenia viridiflora (Kunth) Benth.	surucucu	-	NA
Poecilanthe ulei (Harms) Arroyo & Rudd	carrancudo	-	NA
Poincianella microphylla (Mart. ex G.Don) L.P.Queiroz	folha-miuda	X	NA
Poincianella pyramidalis (Tul.) L.P.Queiroz	catingueira	-	NA
Prosopis juliflora (Sw.) DC.	algaroba	-	NA

Senegalia bahiensis (Benth.) Seigler & Ebinger	jurema	-	NA
Senna macranthera var. pudibunda (Benth.) H.S.Irwin & Barneby	são-joão	-	NA
Senna spectabilis (DC.) H.S.Irwin & Barneby	são-joão	-	NA
Sesbania exasperata Kunth	corticeira	-	NA
Stylosanthes guianensis (Aubl.) Sw.	melosa	-	NA
MALVALES			
Malvaceae			
Cavanillesia umbellata Ruiz & Pav.	embaré	-	IUCN (LC)
Ceiba glaziovii (Kuntze) K.Schum.	barriguda	-	NA
Pavonia cancellata (L.) Cav.		-	NA
Pseudobombax simplicifolium A.Robyns	embiuruçu	X	NA
Sida cordifolia L.	malva-branca	-	NA
Sidastrum micranthum (A.St.-Hil.) Fryxell		-	NA
Waltheria indica L.	vassourinha	-	NA
Waltheria brachypetala Turcz.	malva	X	NA
Waltheria rotundifolia Schrank		-	NA
COMMELINALES			
Pontederiaceae			
Eichhornia paniculata (Spreng.) Solms		-	NA
ERICALES			
Sapotaceae			
Sideroxylon obtusifolium (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	quixabeira	-	IUCN (LC)
PANDANALES			
Velloziaceae			
Vellozia plicata Mart.	candeia	-	NA



SOBRE OS ORGANIZADORES

THAIS FIGUEIREDO SANTOS SILVA

Bióloga, Especialista em Gestão Ambiental. Possui experiência na área de Zoologia e Gestão Ambiental. Sócia-diretora da eco.Logic Consultoria Ambiental LTDA, trabalha coordenando estudos de Levantamento, Resgate e Afugentamento, Diagnóstico e Monitoramento de Macrofauna Terrestre para empreendimentos em diversos municípios do Nordeste.

JANETE GOMES ABRÃO-OLIVEIRA

Bióloga, Analista de Meio Ambiente Sênior da Vanádio de Maracás S/A, Com Especialização em Avaliação de Impactos e Recuperação de Áreas Degradadas e MBA em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental. Possui experiência em Mastofauna, atuando nos seguintes temas: Ecologia, Comportamento e Biologia da Conservação, atuando também com licenciamento ambiental.

SOBRE OS AUTORES

DANIEL CAPELLI

Biólogo, Mestre e Doutorando em Diversidade Animal. Possui experiência em Ornitologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Biogeografia, Comportamento e Comunicação Animal. Participa de projetos de pesquisa, ensino e extensão, atuando também com licenciamento ambiental.

DANIELA PINTO COELHO

Bióloga, Mestre em Diversidade Animal, atua na área de Zoologia com ênfase na Herpetofauna. Atualmente, dedica seus estudos ao mimetismo e camuflagem de serpentes. Durante 7 anos foi assistente de curadoria da coleção científica de serpentes do Museu de História Natural da UFBA.

HELEN AYUMI OGASAWARA

Bióloga, Mestre em Botânica. Possui experiência em Botânica com ênfase em taxonomia de fanerógamas, principalmente da família Asteraceae (Compositae), Florística e Fitossociologia.

LUCAS PAGANI-PASSOS

Biólogo, Mestrado em andamento no Programa de Ecologia e Biomonitoramento. Possui experiência em Ornitologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Biogeografia, Ecologia e Conservação de aves. Participa de projetos de pesquisa, ensino e extensão, atuando também com licenciamento ambiental.

MILENA SANTOS SOEIRO

Bióloga, Mestre em Diversidade Animal. Possui experiência em Herpetofauna, assistente de curadoria da coleção científica de lagartos no Museu de História Natural da Bahia. Participa de projetos de pesquisa e extensão e colaboradora do Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia.

RAFAEL DE OLIVEIRA ABREU

Biólogo, Mestre e Doutorando em Diversidade Animal. Possui experiência na área de Biologia Geral com ênfase em Herpetologia, atuando principalmente nos seguintes temas: História natural, Taxonomia e Sistemática de anfíbios. Atua também com Fotografia de Natureza e Ilustração Científica.

RILQUER MASCARENHAS

Biólogo, com Mestrado em andamento no Programa de Diversidade Animal. Possui experiência em Ornitologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Biogeografia, Ecologia e Conservação de aves. Participa de projetos de pesquisa, ensino e extensão, atuando também com licenciamento ambiental.

THIAGO FILADELFO

Biólogo, Mestre em Ecologia. Possui experiência na área de Zoologia, com ênfase em Ornitologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Biologia Reprodutiva, Ecologia e Conservação de aves. Participa de projetos de pesquisa, ensino e extensão, atuando também com licenciamento ambiental.

TIAGO JORDÃO PORTO

Biólogo, Mestre em Diversidade Animal e Doutor em Ecologia. Em parceria com universidades e órgãos ambientais, participa de atividades associando o conhecimento ecológico aos processos de tomada de decisões. Ministra disciplinas nas áreas de ecologia, metodologia científica, gestão ambiental e planejamento territorial.

© Copyright, Largo Resources Vanádio de Maracás, 2016. Direitos desta edição reservados
Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem a expressa autorização.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico

P55 Edições / André Portugal e Marcelo Portugal

Ilustração da Capa

Rafael Abreu

Impressão e acabamento

Grasb

Revisão de Textos

Janete Gomes Abrão-Oliveira e Thais Figueiredo Santos Silva